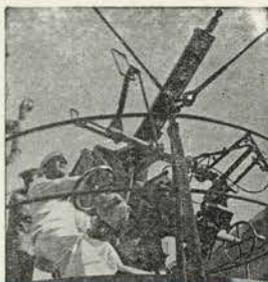
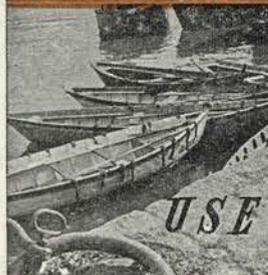
REVISTA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

número 9 * ano 1.º * 1942

A Pompadour
Uma cinta "Pompadour",
confeccionada com todos os
requisitos técnicos e esté-
ticos, é um escultor invi-
sível, que nos bailes, nas
ruas, nos teatros e na inti-
midade, burila constante-
mente a sua feliz possuidora
LISBOA, R. GARRETT, 28-30 - R. AUGUSTA, 138-140 * PÔRTO, ARMAZÉNS CAPELA - R. DAS CARMELITAS,
Publicidade PANORAMA

Beirões e aldeias da Beira Baixa

por

Folgado da Silveira

Mais negruscas na serra, mais caiadas na planície, tôdas, porém, aquecidas ao mesmo sol brilhante de Portugal ou engolfadas na mesma azáfama produtiva, erguem-se as aldeias da Beira Baixa.

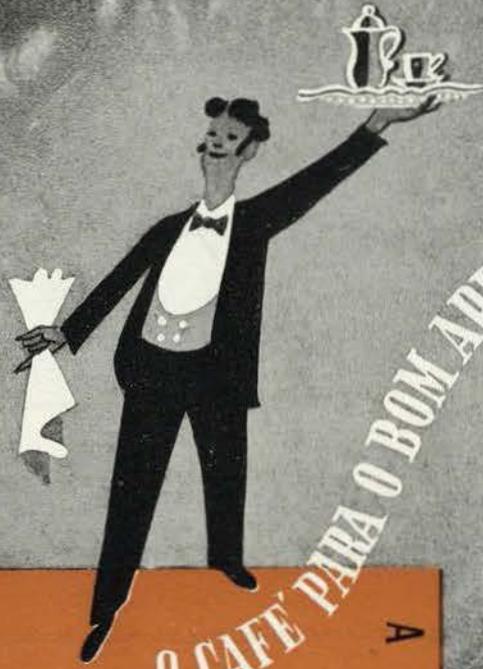
Ruas tortuosas, calcetadas de granito; cardanhas humildes a olharem de soslaio para algum velho solar quinhentista; um adro; uma igreja; um campanário a branquejar; mas tôdas povoadas pelo mesmo tipo beirão, troncudo ou achamboado, pele tostada pelo sol tórrido do verão ou pelo frio inclemente do inverno, sempre entregue à labuta árdua dos campos.

Se na serra, nos refolhos das encostas ou no côncavo dos vales, se agarram à rocha viva e pardusca do granito, entre giestas e murtões, na campina espraiam-se na largueza imensa da planura, mais distanciadas umas das outras, menos tristonhas talvez, quiçá mais comunicativas.

Mas, quer as atravesse a fita empedrada do macadame, ou a elas nos conduza a velha estrada romana, são sempre e tôdas as aldeias da Beira, oxigenadas pelo mesmo ar purificador, recozidas na mesma labuta, batidas pelo mesmo sol, tôdas tendo por cenário os mesmos campos, por cantigas a mesma dolente toadilha, e por céu o mesmo docel azulino e transparente.

As diferenças, se existem, são de pormenor, porque, no substancial, a mesma característica lhes é comum.

Desde os píncaros altaneiros e nevados dos Hermínios, até ao vale formosíssimo do Fundão, ou às *campanhas* rasgadas da Idanha, tudo é simples, leal e sincero, desde a lhaneza hospitaleira dos seus naturais, vigorosos de fôrça e de patriotismo, até à beleza encantadora das suas mulheres, das suas tradições, e dos seus costumes.

(Continua).

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
CAFÉ
COLONIAL
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
SABOROSO

¿Chegaste à aldeia e não sabes onde te hospedar? — Não te preocupes: tôdas as portas se te abrirão.

É aqui, nas aldeias, porventura rudes, que se encontra o tipo puro do beirão, sincero, valoroso, o mesmo riso a bailar-lhe nos lábios, quer o abra para receber, aos pés de Deus, a companheira fiel de tôdas as horas, quer ao sentar nos joelhos a rebanhada de filhos, a segurar a rabiça do arado, ou a marchar para a guerra.

O beirão é sempre o mesmo — homem de um só parecer e de uma só palavra, generoso como poucos.

«Ser beirão é estar na posse de um notável título de glória, é consubstanciar as mais sublimes virtudes da raça lusitana», como muito bem disse o sr. Tenente Coronel Pina Lopes.

Ser beirão das aldeias da serra ou da planície, é pastorear os gados; rasgar a terra a golpes da charrua; colher a semente ao calor esbraseante do verão, em que o sol é lava derretida e os talvegues boqueirões de fornos, que asfixiam.

A terra, sempre a terra!, eis a grande preocupação.

Vê-os nascer; ajuda-os a criar; suga-lhes, depois, tôdas as energias até os receber, por fim, nos seus braços.

Mas as romarias chegam.

O beirão esquece então por momentos a sua tristeza ancestral; veste o seu fato domingueiro e, aos magotes, parte contente para as ermidas da Senhora da Póvoa ou do Almurtão, de S. Domingos ou de Santa Luzia.

A mulher veste os seus trajes garridos, perfumados a alfazema, que tem aos mòlhinhos no fundo das arcas, põe as coleiras e arrecadas, calça os sapatos brancos de bezerro, a apetitosa chouriça e a loira *galinha dourada* a guarnecer-lhe a cesta da merenda, e ela aí vai, entoando cantigas ao som do adufe.

Estrelejam foguetes; tangem ferrinhos; rufam pandeiros; estrondeiam bombos; gemem hormóniuns; estalam cantigas.

A festa decorre, porém, no meio da maior compostura e fé. Oferecem-se velas e folares; dão-se voltas de joelhos à capela em cumprimento de promessas. Mas ninguém conhece o beirão. A alegria invade-lhe o coração, inunda-o todo, conquista-o, domina-o. E se calha beber dois goles do garrafão que tem à sua mão direita, então todo êle é alegria e movimento contagioso, comunicativo — sendo raro o que lhe dá para o sentimento...

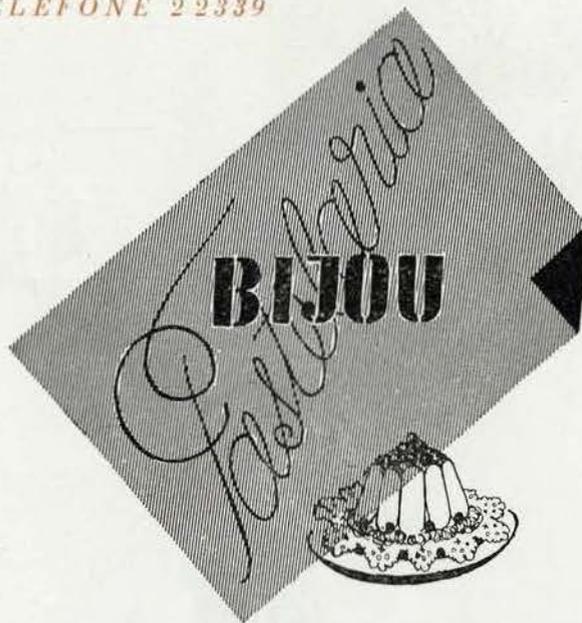
À tarde voltam os ranchos ao povoado, os chapéus enfeitados com florinhas de papel. Lá trazem já nos olhos a mesma pontinha de melancolia.

E, manhã alta, com as estrêlas ainda no céu, ouvem-se de novo as botorras ferradas, no lajedo, a caminho do trabalho.

Abrem-se os bardos; soltam-se as juntas dos cabanais; lavra-se a terra.

Os rebanhos, a balar, entornam-se pelos campos, tilintando guisos e chocalhos.

Soam longe as toadilhas alquebradas dos pífaros dos pastores, e os latidos dos rafeiros.

Se estamos na primavera, as searas ondulam ao vento a baganha aloirada das espigas, deixando no ar um fru-fru monótono logo abafado pelos mil cantares da passarada.

Se o inverno passa, a nota é mais triste. O frio cortante que se desprende dos píncaros, faz arrepiar a terra alagada dos pousios, a espessura verde das semeadas, ou a pele rugosa dos alqueivos.

Mas, na aldeia, amodorrada entre hortas e vinhedos, lá está a casa humilde mas asseada do camponês, o seu balcão, a janela florida, a lareira, o *tropêço,* a ceia a fumegar, adubada com naco de chouriço desafogado da talha. Como única recompensa, os filhos que vêm pedir-lhe a bênção, de mãos postas, e o sorriso resignado da mulher.

Ali, ao lado, a cama tenta-o, cama alta separada por cortinas guarnecidas de lacinhos e duas travesseiras com letras entrelaçadas, que a mulher bordou quando, em sobressalto, preparava o seu ninho de amor.

A roda do ano vai passando. Chegou o Natal.

Ardem nos adros os *madeiros;* nas certãs fritam-se as *filhoses;* cantam-se as janeiras. Enquanto os círios das igrejas vão iluminando os humildes mas portuguesíssimos presepes, a *missa do galo* decorre, entre cânticos ao Deus-Menino.

Como as noites são longas, fia-se nas rocas as estrigas do linho, constantemente beijado pelos lábios das velhinhas que tão habilidosamente fazem rodar o fuso.

Volta a Páscoa — a *Festa das Flores.*

Caiam-se os portados, que o dinheiro não chega para se rebocarem as paredes; lavam-se as casas; junta-se a família.

E, de joelhos, pais e filhos, netos e avós, iluminados pelo mesmo clarão indestrutível de fé, todos aguardam que o sr. Vigário lhes traga as boas-festas, a sua bênção, a sua palavra.

Respeitoso, o beirão sabe tirar ainda o seu chapéu ao toque plangente das trindades, ou em frente da modesta capela das *alminhas,* que tem à entrada da sua aldeia, à beira dos caminhos ou no tôpo das pontes.

Singelas e típicas capelinhas estas, sempre alumiadas por chama de azeite ou enfeitadas com flores, que mãos humildes lhes colocam nos retábulos.

O bom povo da Beira sabe respeitá-las, continua mesmo a erguê-las, cantando-lhes versos como estes:

Esmolinha, se a dendes,
Não julgueis que a comemos;
É p'r'as benditas almas
Que todos nós lá temos.

Dende esmola, se a dendes
Com devoção, bem na dais;
Lá tendes na outra vida
Vossas mães e vossos pais (1).

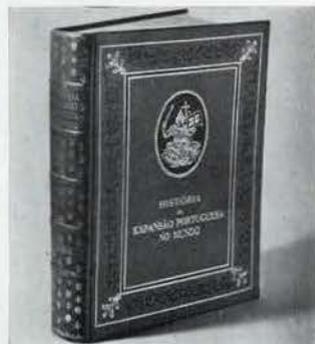
Aldeias da Beira Baixa! Berço de heróis e de sábios; de trabalhadores e de santos.

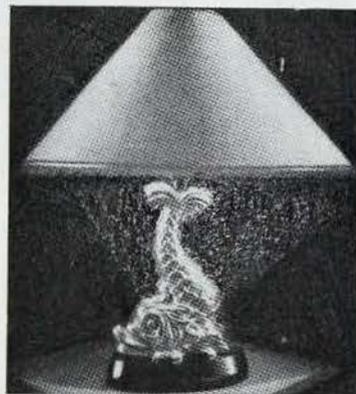
Alguém, que foi grande, escreveu um dia: «Nessa geira da terra beiroa, ora fragosa, ora bucólica, nasceu a pátria. E no que se refere àquele espírito de coesão colectivo que resulta das fermentações da terra, da corrente das águas, e no sôpro das próprias brisas, a Beira é sempre a expressão suprema desta nação gloriosa, eterna geradora de heróis, de poetas e de mártires». — Disse a verdade.

(1) Dr. Jaime Lopes Dias, «Etnografia da Beira», vol. V, pág. 173.

NESTLÉ
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ
NESTLÉ
MEIO GORDO E AÇUCARADO
SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ, PREPARADO
ESPECIALMENTE PARA
A ALIMENTAÇÃO DAS
CRIANÇAS, TENDO POR
BASE O MELHOR LEITE
FRESCO, ESCRUPULOSA-
MENTE SELECCIONADO

Aqui se aconselha...

HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO. — Eis uma obra que deve figurar em tôdas as estantes. Uma publicação que se impôs, já pelos assuntos nela historiados — tôda a gloriosa acção da gesta portuguesa no Mundo — já pelo escol dos seus colaboradores e categoria da sua apresentação gráfica. Um valioso repositório iconográfico. À venda nas principais livrarias e na Editorial Ática, R. das Chagas, 25, Lisboa — 3 vols. Esc.: 420$00.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

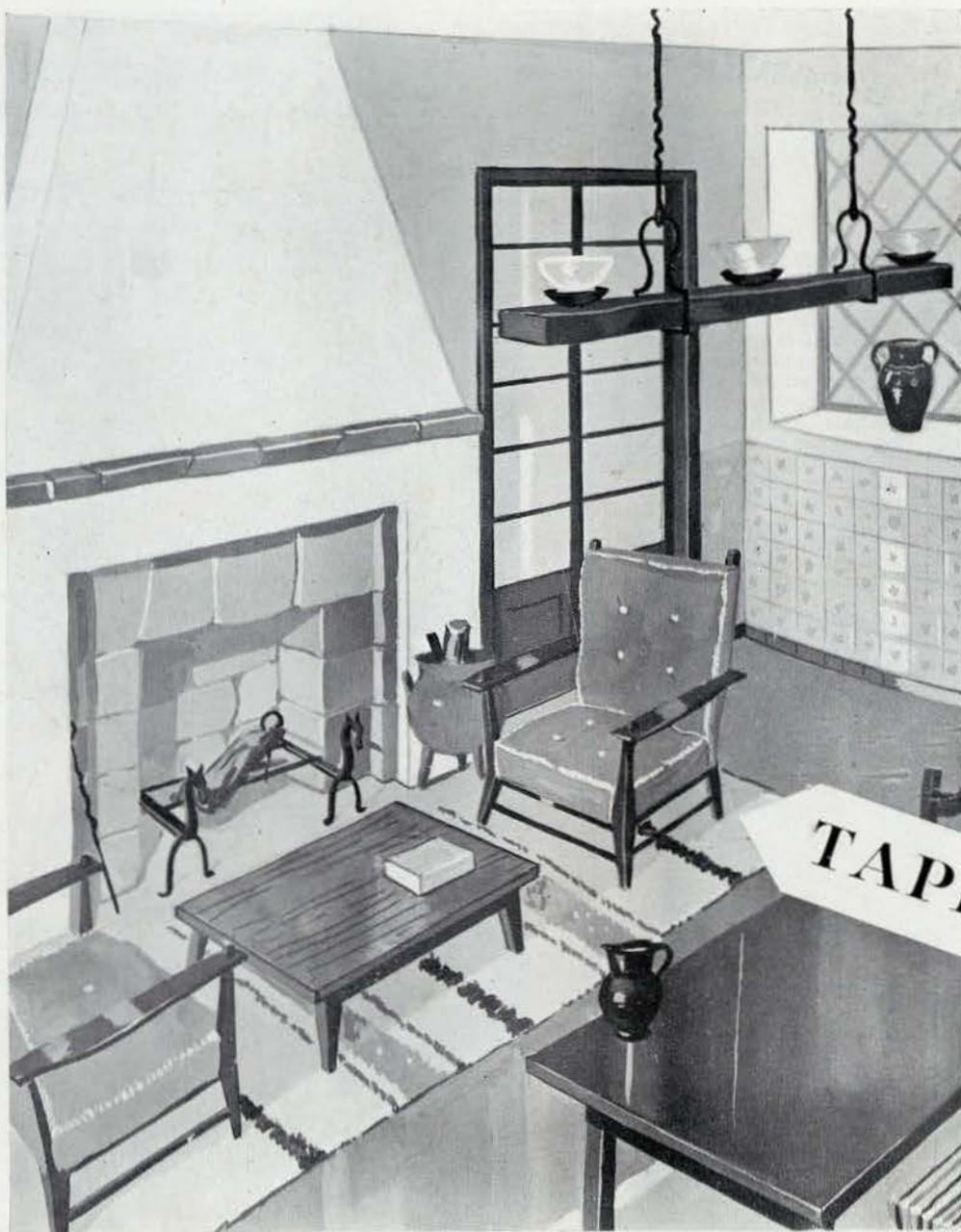
QUERE comprar um bom candieiro eléctrico? Então, visite os DUARTES, PAI E FILHO, na Rua da Vitória, 46 e 48, em Lisboa, que têm à venda os mais diversos modelos para ambientes antigos ou modernos. Qualquer dêles, pela disposição das lâmpadas e *abat-jours*, satisfaz a exigência de uma boa iluminação — como seja uma luz calma e difusa — dá uma atmosfera quente e confortável, além de ser ainda um elemento de decoração do melhor bom gôsto.

ENTRE os mais finos trabalhos da ourivesaria portuguesa destacam-se as apreciadíssimas filigranas de ouro e prata. Esta foto mostra uma nau em filigrana que pela perfeita e esmerada execução mereceu figurar na Exposição do Mundo Português, para onde foi vendida pela OURIVESARIA SARMENTO, da R. do Ouro, 251, em Lisboa. Nesta casa encontram-se à venda valiosos objectos de ourivesaria e joalharia e, particularmente, uma enorme variedade de filigranas.

que leia, veja e compre

UMA das maiores preocupações das boas donas de casa é a economia da luz eléctrica. Mas essas preocupações não têm já razão de existir. As lâmpadas *Tungsram-Krypton* acabaram de vez com elas, pela extraordinária economia de consumo. Interrogue alguém que tenha o bom senso de usá-las, e verá que lhe responde prontamente: A lâmpada *Tungsram-Krypton*, porque gasta menos, dando uma luz intensa e brilhante, deve ser a preferida na sua casa.

GALO DOIDO. — É o título do último romance de Augusto da Costa, autor que mereceu da Academia das Ciências de Lisboa o prémio «Ricardo Malheiro», pelo seu anterior romance «Inocentes». — GALO DOIDO constitui um êxito excepcional de livraria, plenamente justificado pelo interêsse da acção e brilho literário. Está à venda a 3.ª edição, firmada pela «Parceria António Maria Pereira»: Rua Augusta, 52, Lisboa.

HIS MASTER'S VOICE é a afamada marca de rádio, grafonolas e discos já conhecida por todos, de que são agentes em Lisboa os *Estabelecimentos Valetim de Carvalho*, na R. Nova do Almada, 97. Os novos modelos de rádio HIS MASTER'S VOICE, chegados há pouco a Lisboa, são magníficos superheterodinos para baterias a 6 volts. Como são de grande economia de consumo — gastam pouquíssima energia — permitem maior duração da bateria.

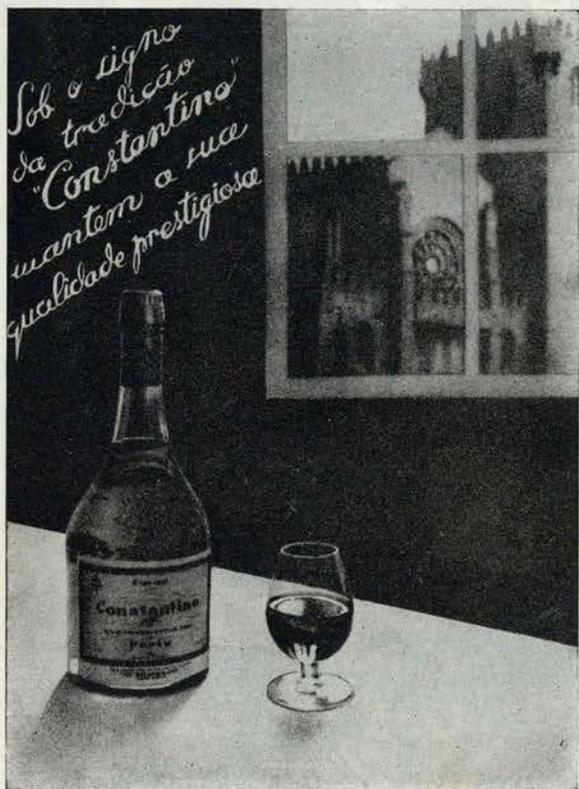
NAUMANN é sem dúvida a máquina de costura que satisfaz completamente as senhoras mais exigentes. Se quere conhecer os modelos desta apreciada máquina, visite a exposição no stand NAUMANN, na Rua Eugénio dos Santos, 169 a 173, em Lisboa, onde também pode tirar, grátis, o curso de coser, de cortar e de bordar. NAUMANN tem agentes em todo o país que atenderão, prontamente, os pedidos que lhes dirijam.

*FABRICA DE TAPETES DE BEIRIZ * C. R. MIRANDA*

END. TELEG. TARIZ * CALVES-BEIRIZ * PÓVOA DE VARZIM * TELEF. 33

Caldas de Monfortinho

CONSAGRADAS POR 3 SÉCULOS DE CURAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS CASOS DE ARTRITISMO, DE AFECÇÕES DA PELE E MUCOSAS GASTRO-INTESTINAIS

BALNEÁRIO COM SALAS DE TRATAMENTOS, INALAÇÕES, ETC.

B E I R A B A I X A

VENÂNCIO DO NASCIMENTO

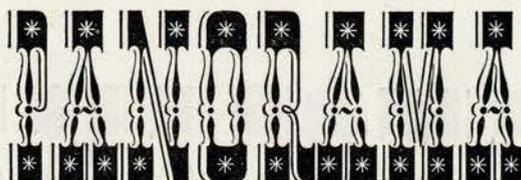
ALGUNS TRABALHOS

RESTAURANTE NEGRESCO
PALÁCIOS HOTEIS DA
PÓVOA E ESPINHO
CASINOS DA
POVOA E ESPINHO
TURISMO DA COVILHÃ

PORTO
EM FRENTE AO TEATRO RIVOLI. TEL. 1293

LISBOA
ANGULO DE BARATA SALGUEIRO
E RODRIGUES SAMPAIO. TEL. 5 1695

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

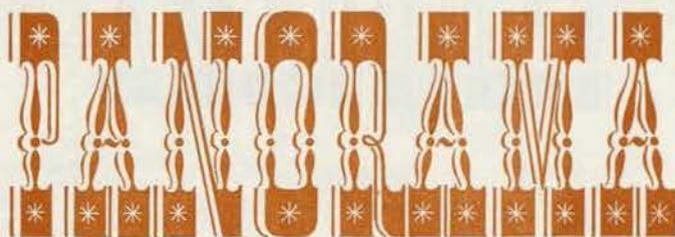
EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 9 ★ JUNHO, 1942 ★ VOLUME 2.º

CAPA DE: BERNARDO MARQUES. — DESENHOS DE: PAULO FERREIRA, JOSÉ DE LEMOS E BERNARDO MARQUES. — MAPA DO CAMPISMO DE JORGE MATOS CHAVES. — FOTOGRAFIAS DE: ALVÃO, BELEZA, CARLOS NUNES, CLUBE NACIONAL DO CAMPISMO, E. PORTUGAL, ENG.º FERRUGENTO GONÇALVES, HORACIO NOVAES, MANFREDO, MARIO NOVAES, DR. TAVARES DE ALMEIDA E TOM.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

A Administração da Revista

★ *Fez uma edição especial, em cartolina, da "natureza morta" de Josefa de Óbidos — que neste número se publica — destinada a emoldurar-se, e que se vende ao preço de Esc. 10$00.*

★ *Vai reeditar, brevemente, os números 2, 3 e 4, já de há muito esgotados. Afim-de se poder calcular as tiragens a fazer, pede aos senhores assinantes e leitores que desejem adquiri-los, que lhe enviem, quanto antes, os seus pedidos.*

O PREÇO DE CADA EXEMPLAR DOS NÚMEROS A REEDITAR SERÁ DE DEZ ESC.

ferrania
A PELÍCULA QUE NUNCA FALHA
J. C. ALVAREZ, L.DA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA ◆ 205, RUA AUGUSTA, 207 — LISBOA

MACEIRA-LIZ, A FUTURA CIDADE

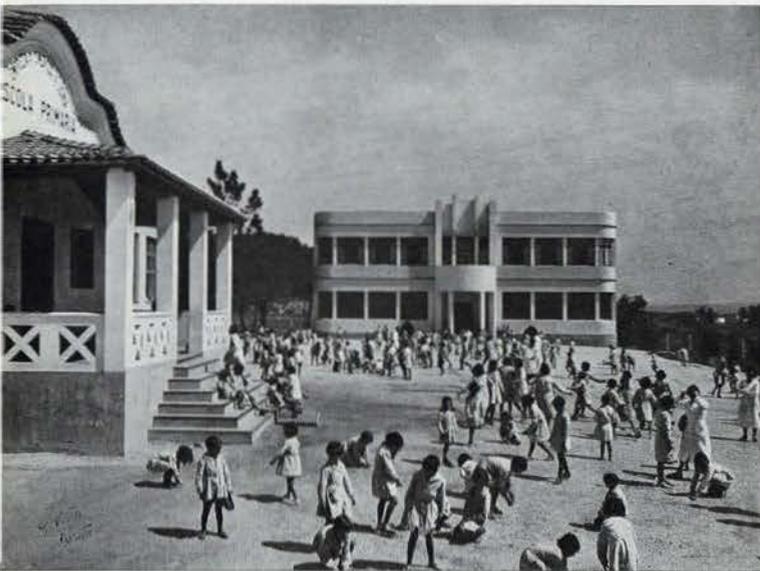
por

Agostinho Ferreira da Silva

HÁ poucos anos ainda, era Maceira desconhecida, mesmo dos concelhos circunvizinhos, a-pesar das suas vistas panorâmicas do Cabeço de S. Amaro, uma semelhança do Bom Jesus de Braga; do remanso bucólico da Senhora da Barroquinha, onde cai uma cascata de 16 metros, cuja água depois serpenteia por entre blocos de fôlhas petrificadas, sob dosséis de verdura; da sua igreja antiga, de portas e janelas rendilhadas, quási ao gôsto manuelino; a-pesar, enfim, da sua paisagem policroma, em que a vinha cresce ao lado do pinheiral, o trigo quási loiro ao lado do milho verde, em que a pedra *tôsca* e *informe* contrasta com as hortas mimosas e os relvedos ou campos de forragem...

Nem lhe conquistaram celebridade os seus vestígios históricos, que, aliás, não foram ainda amplamente estudados. Apenas alguém ali foi uma vez cavar os mosaicos dum palácio romano, que hoje existem num museu de Londres, reconstituindo o pavimento, em que se desenha a fábula de Orfeu. Mas a história exige mais e os muitos elementos de estudo que se topam hão-de permitir que mais se faça para avaliar da importância que teve Maceira nos tempos romanos.

Foi só porque há 20 anos, no descampado dos «Campos», onde as pedras aflorando da terra pouco mais deixavam produzir que umas cêpas raquíticas, precisamente aí, apareceram, deitando fumo e pó, as chaminés de uma fábrica que disputa os homens, no leilão de quem mais dá, às terras de cultura, é que Maceira se tornou um dos pontos a visitar também no triângulo turístico: Batalha-Leiria-Nazaré.

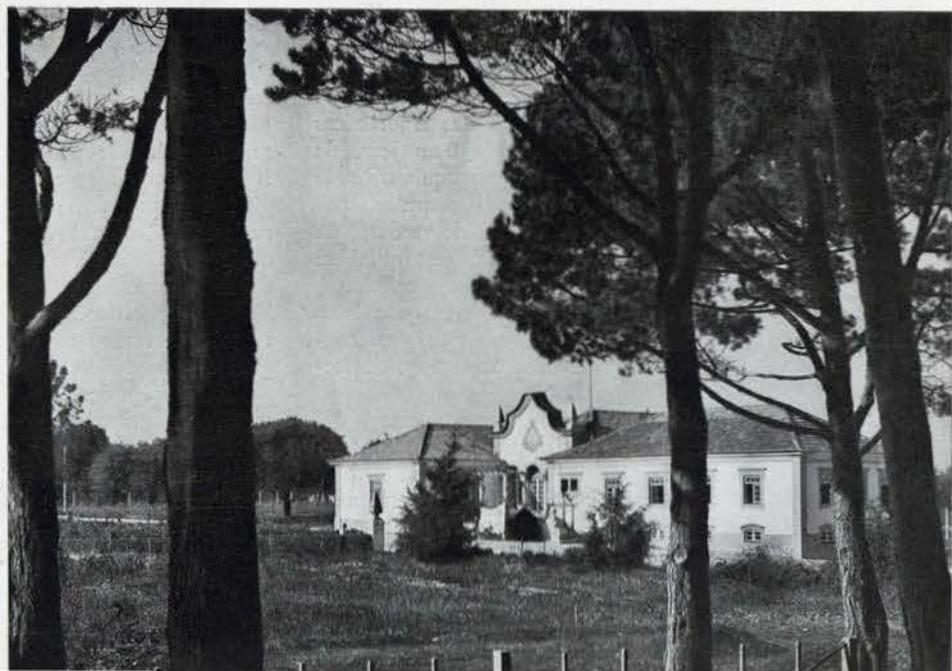
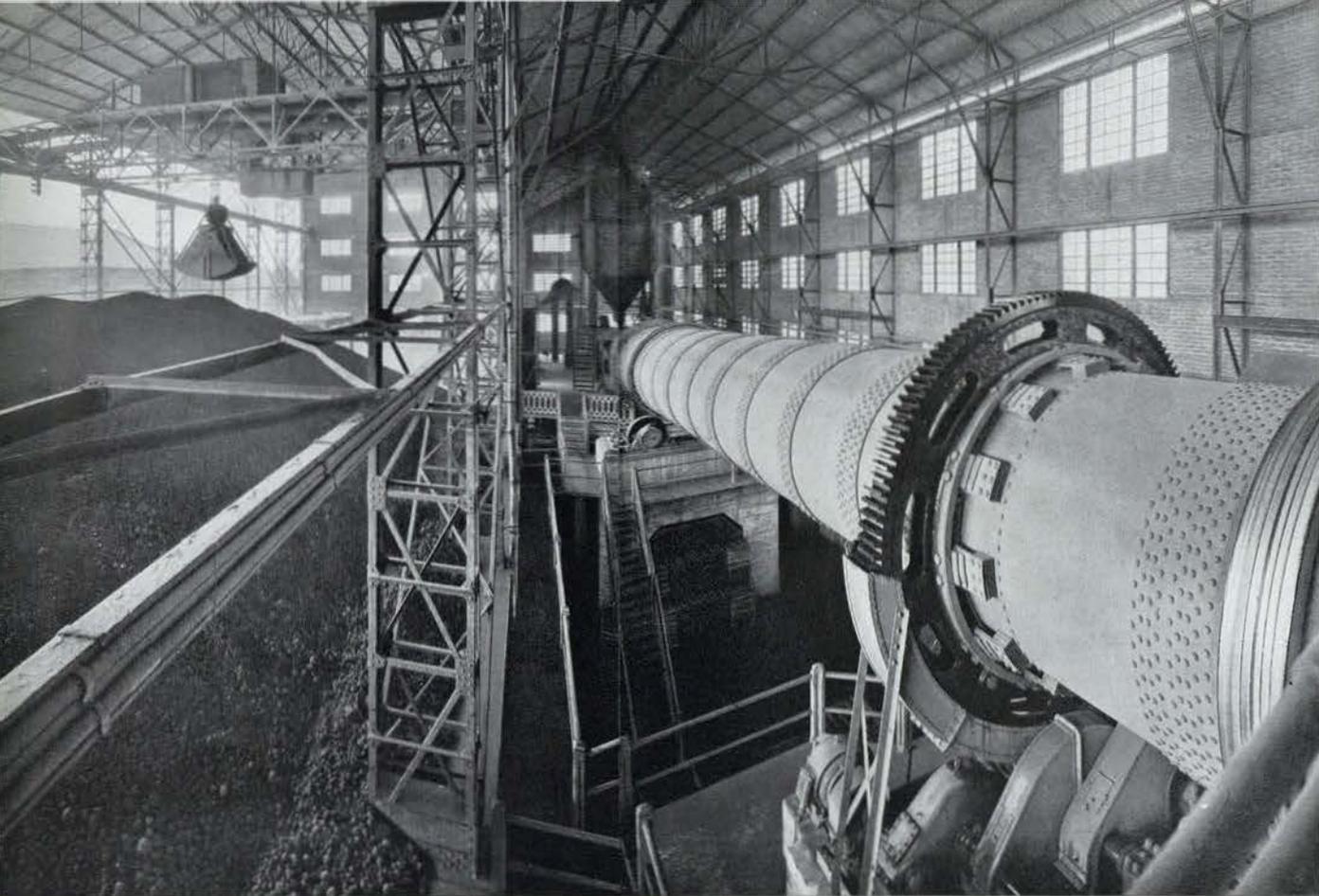
A Emprêsa de Cimentos «Liz», começando ali a sua laboração, veio alterar o remanso naquelas paragens. O povo, como o de Tormes, quando ali fizeram passar o primeiro combóio, manteve-se de pé atrás, desconfiado dos *intrusos*, e continuou a amanhar as suas leiras; mas, de fora vieram outras gentes e ali,

na «Gândara», em volta de uma chaminé, edificaram em poucos anos Maceira-Liz. E, de então para cá, a fábrica tem progredido sempre, enquanto a agricultura vai decaindo, vencida. E já Maceira, Maceirinha, A-do-Barbas, Porcariça... se vão dando as mãos, fechando um cêrco de amizade à sua inimiga de há pouco, e aproximando-se-lhe a passos largos, enquanto esta lhes estende os braços amigos. Não nos admira que, dentro em breve, da união resulte a fôrça, uma fôrça social e industrial, e Maceira-Liz nos apareça uma cidade, reünindo os milhares de habitantes daquelas povoações... A transformação foi rápida e profunda.

Ainda hoje aqueles povos recordam com saüdade o seu vinho licoroso de há tempos, a sua fruta apetitosa, as suas casinhas sempre caïadas e sempre limpas... E aquela *maldita fábrica, flagelo de Deus,* apareceu deitando fumarada sôbre as suas hortas, desafiou as suas terras para uma luta que venceu — porque hoje os seus filhos, descrentes do que lhes oferece a enxada, que os ligava à terra, preferem o dinheiro da fábrica, o cinema da fábrica, as escolas da fábrica, o balneário, a biblioteca, os campos de jogos, as casas dos bairros da fábrica! E, no entanto, com alegria que mesmo os velhos, ainda que como peças inadaptáveis à engrenagem fabril da grande máquina em que se transformou o mundo, e que, girando nela deslocadas, parecem impedir o bom funcionamento do conjunto, é com alegria que êles mesmo se confessam vencidos. Porque se Maceira está em progresso não é devido aos benefícios da sua cultura mas à valorização da sua pedra. Ela elevará a povoação à categoria de cidade, num futuro que se adivinha próximo...

— Por que não? O que se fez, precisamente onde há vinte anos não existia senão pedra, umas cêpas, algumas barracas de madeira, e, mais afastado, um forno primitivo de cal hidráulica, que marcava passo estreito havia alguns anos, deixa-nos prever um grande futuro a Maceira.

A 5 quilómetros a estação da Martingança, da Oeste, a que Maceira-Liz já está ligada por uma linha larga privativa da fábrica de cimentos. A 500 metros a linha da Companhia Couto Mineiro do Lena, que liga Pôrto de Mós a Martingança, e que, com o desenvolvimento das suas minas de carvão, e desde que à Companhia seja dado alento para a prolongar até ao Entroncamento, como já foi projectado, fará de Maceira um importante centro de comunicações e trar-lhe-á um aumento de população correspondente. A estrada nacional, agora em construção, seguindo em parte o traçado da antiga estrada pombalina de saibro, a do «Guilherme Steffens», vai ligar Maceira à Batalha e à rêde do país, numa linha bastante recta. Nota-se o desenvolvimento adquirido pela emprêsa de cal hidráulica e as pesquisas no sub-solo da região, que possui — *si vera est fama* —

Os filhos dos operários instruem-se e divertem-se. — Um avião português localizou a fábrica e o bairro n.º 1. — O edifício hospitalar é quási um sanatório.

Fotos Alvão

EMPRÊSA INDUSTRIAL GRANDIOSA E MODELAR

carvão, petróleo e ferro. (Maceira foi um grande centro mineiro dos romanos, segundo alguns a cidade de *Calipo*).

Construíram-se as instalações fabris da Emprêsa de Cimentos Leiria, valor quási único ainda, da indústria de Maceira, que lhe conquistou honras e lhe deu aquela atracção irresistível que leva a visitá-la, para admiração de um contraste singular de duas idades, os forasteiros que vão à Batalha *rezar* no Mosteiro da Vitória e a Leiria meditar, sôbre as ameias do castelo, as histórias que contam, em baixo, as águas do rio Liz. Para depois ir ver, do «Sítio» da Nazaré, a majestade do mar, ou descer para brincar na praia, é preciso passar primeiro por Maceira, para levar a sensação de um panorama novo. Ali trabalham para cima de 500 operário e uma extensa engrenagem de máquinas na tarefa de britar, dosar, secar, moer, homogenizar misturas, humectar, granular, cozer, para reduzir a dureza da pedra à consistência do cimento. Ali trabalham para cima de 150 empregados, na mis-

(Continua na pág. I)

Um livro maravilhoso

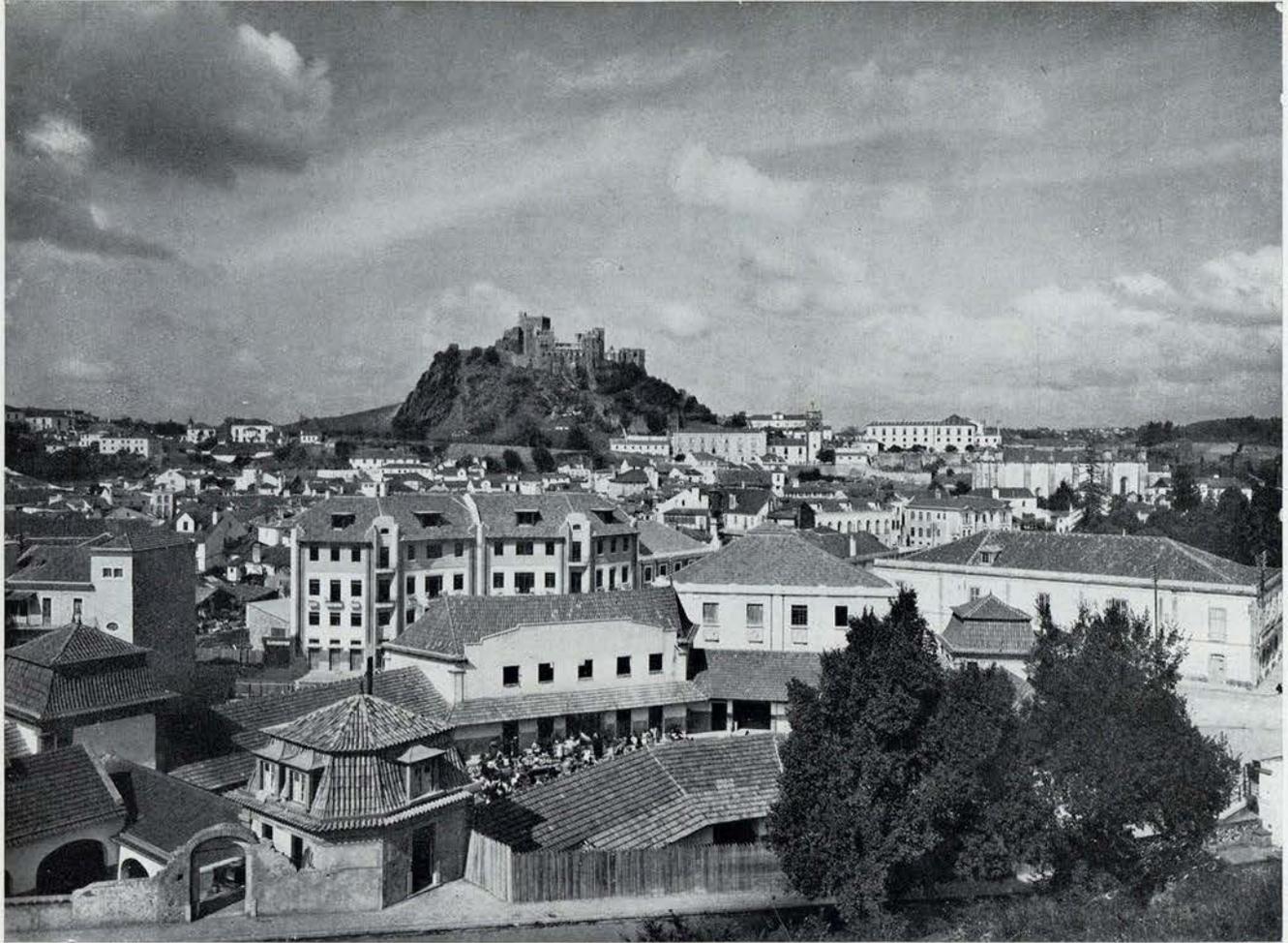
Ilustração de Paulo Ferreira

Acabamos de compulsar, demoradamente, um livro que dentro de pouco tempo será acessível à curiosidade do público, e que tem êste título: **VIDA E ARTE DO POVO PORTUGUÊS.** *A edição é da Secção de Propaganda e Recepção (S. P. N.), da Comissão Nacional dos Centenários — ¿Um livro belo? Um livro maravilhoso? Cuidado com esta tendência muito nacional para exprimir superlativamente as impressões estéticas, sobretudo as positivas! Gostamos duma coisa por ela ser simplesmente bonita, e vamos logo às do cabo, chamando-lhe linda. Daí, a relutância em aplicarmos ao livro* **VIDA E ARTE DO POVO PORTUGUÊS** *o segundo adjectivo que nos ocorreu: maravilhoso. ¿Não será demais? — E folheámos o livro novamente... Não é. Maravilhoso, neste caso, não é demais. Considerado como especime de artes-gráficas, êste livro não é mais nem menos do que isso. Cada página que se volta, cada surprêsa que nos encanta. Estão ali arquivados, em rigorosa documentação fotográfica — obras primas de Mário Novaes — e em desenhos de sóbria estilização, nos quais o artista — Paulo Ferreira — se esforçou por respeitar a autenticidade da forma e do colorido, os mais característicos e belos exemplares da nossa arte popular. Vejamos o índice da obra:* — O Trajar do Povo, *Luiz Chaves;* Teares e Tecedeiras, *Sebastião Pessanha;* Arte dos Namorados, *Luiz Chaves;* Barcos de Portugal, *Rocha Madahil;* Arte Popular, *Luiz de Pina;* Bordadoras e Rendilheiras, *Maria Madalena de Martel Patrício;* O Carro Rural, *Vergílio Correia;* A Faina do Campo, *Guilherme Felgueiras;* Pastoreio e Arte Pastoril, *Tude de Sousa.* Luminária Popular, *Cardoso Marta;* Festas do Calendário, *Padre Moreira das Neves;* Danças e Cantigas, *Armando Leça;* O Fogo de Vistas, *Armando de Matos;* Oleiros e Olaria, *Santos Júnior;* Bonecos de Barro, *Santos Júnior;* Ourivesaria Popular, *Luiz Chaves. Se não é tudo, é muitíssimo. E, abstraindo do valor literário e documental dos artigos — sôbre os quais se pronunciarão, a seu tempo, os críticos especializados — quem folheia êste livro e observa, uma a uma, as gravuras que o ilustram, não pode (seja português ou estrangeiro) ficar insensível à extraordinária riqueza e variedade de motivos etnográficos e folclóricos que perduram, íntegros, no nosso país. É êste o aspecto que António Ferro salientou nas breves palavras que prefaciam o livro, cujo conteúdo demonstra — como êle diz — «que a nossa arte popular, simultâneamente realista e poética, é a permanência da nossa história viva através dos séculos, o seu alfabeto de imagens». A obra foi planeada pelos etnógrafos Francisco Lage e Luiz Chaves, de colaboração com o pintor Paulo Ferreira, que ilustrou e dirigiu, artìsticamente, a edição — executada na Litografia Nacional do Pôrto.*

Trajes e barcos portugueses

(Desenhos de Paulo Ferreira)

Trabalhos de filigrana e pastor de Monsanto

(Fotos de Mário Novais)

Fotos Beleza e Alvão

LEIRIA *e os seus fantasmas, a sua paisagem e a sua vida*

Vista parcial da cidade. — Um aspecto da feira

CHEGANDO-SE a Leiria, por qualquer lado e a qualquer hora, logo a nossa vista é irresistìvelmente atraída para o alto, para o enorme vulto do castelo, dominando a cidade e os arredores, na crista do escarpado morro vulcânico que inesperadamente surge na planície rodeada de colinas, a meio dos campos bucólicos em que deslizam, vagarosos, os pequenos rios Liz e Lena.

Mesmo nas noites escuras, a silhueta grandiosa do castelo avulta e cresce, mais negra, no fundo negro da noite.

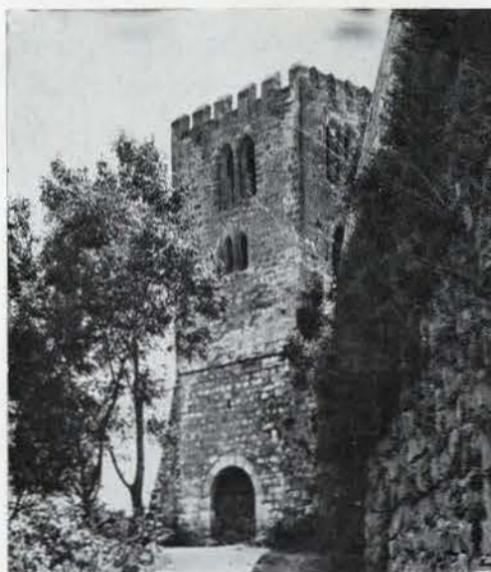
Em certas tardes, a certa luz de poente, muralhas e tôrres parecem envolvidas num nimbo côr de rosa doirado.

Nas claras manhãs, nos dias chuvosos ou nevoentos, tem outros aspectos, outras fisionomias, êste castelo de maravilha, que, muitas vezes, parece coisa irreal, sonhada ou entrevista numa alucinação, ou ali posta, màgicamente, por capricho ou fantasia dum feiticeiro de génio.

Em certas noites de luar desenha-se, muito nítido, no céu enluarado, com os recortes das ameias de tôrres e muralhas rematando o vulto enorme, as janelas e frestas iluminadas de luar, a galeria da alcáçova a evocar grandezas de paço real, na branda claridade que lhe realça a elegância das janelas ogivais.

Subindo até lá acima, pela noite, a uma luz de entre-sonho,

Uma panorâmica imponente... ... *que o vetusto Castelo domina*

Arcaria da Praça de Rodrigues Lôbo

A Tôrre — e uma vista para o Castelo

pondo a memória e a imaginação à sôlta, poderemos entrever, sonhar, no mistério das sombras densas, ou na bruma espectral, as figuras de legenda heróica, galante ou trágica que por ali viveram e vibraram, nas suas glórias, nas suas paixões ou nas suas angústias.

Depois de Ourique, toma o castelo aos infiéis D. Afonso Henriques, que entrega a Paio Guterres a alcaidaria-mór do temerário fossado de Leirena, pronto às bravas correrias pelos domínios, ainda próximos, da moirama.

Percorrendo, num relance, a antiga vila, lembraremos as côrtes que ali reüniu D. Afonso III, e em que pela primeira vez estiveram os «homens bons» dos concelhos, representando o povo. No vasto salão da Alcáçova, reconstituímos, numa visão, a côrte literária e galante de El-Rei D. Deniz e da Rainha Santa, com os seus trovadores e jograis dizendo os cantares de amor, que darão vida e graça à língua que com êles nasce.

Depois, é D. Fernando e Leonor Teles que por ali passam, nos seus grandes desvairos. E é D. João I e Nuno Álvares, depois de Aljubarrota, ali tratando o casamento do primeiro Duque de Bragança com a filha do condestável.

E finalmente, a figura sombria, meditativa, dramática do bom Rei D. Duarte, aquêle que passou parte da sua vida a estudar e a discorrer, para dar os melhores conselhos a todos os seus vassalos num livro que não podia ter título mais nobre: «O Leal Conselheiro».

Certamente nos viriam surpreender os primeiros alvores da manhã, depois dessa noite de evocações de história e de lenda, vendo saírem da bruma e crescerem no horizonte as serras de Aire, de Pôrto de Mós e Candieiros, recortadas nas claridades do nascente.

E, começando o sol a espreitar por cima das serras, descendo pelas vertentes, iluminando as encostas, saltando de colina em colina, alagando de luz as várzeas coloridas, rebrilhando no rio, nos regatos, nas fontes, vem acordar os homens, os animais e as coisas para o esplendor do dia.

Então, àvidamente, os nossos olhos percorrem a ondulante paisagem que se anima e agita, às rútilas alacridades da manhã, refulgindo.

Fotos de Alvão e Eduardo Portugal

Despertam as aldeias, os lugares, os casais, debruçados nos outeiros, à orla dos pinhais, entre a vinha e o pomar, o olival e a horta, ou à beira do rio, que cintila e rebrilha como prata polida, entre canaviais, choupos, faias, chorões, e a macieza das relvas, na frescura dos prados.

Com o sol, com a luz, com o despertar, sobe no ar a sinfonia rústica da manhã rumorosa, murmúrios de águas, gemer de noras, tocar de sinos, cantar de aves, zumbir de insectos, arfar da terra, numa harmonia singular de mil ruídos, que a brisa leva do vale ao monte, da veiga à serra, como um cântico de místicos louvores, pelas alegrias da fertilidade e da abundância.

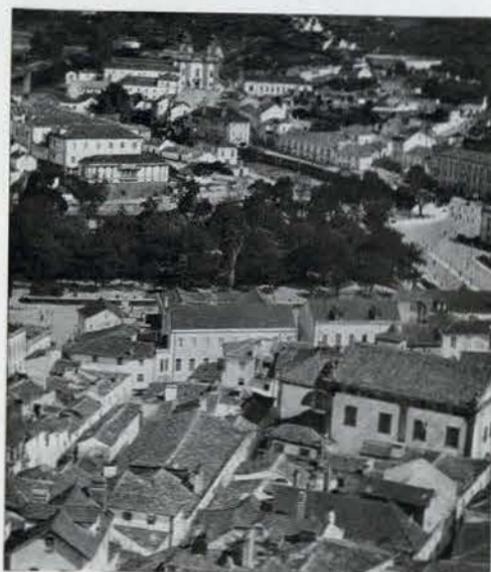
Aqui e ali, por todo o vasto panorama, branquejam povoações, casas senhoriais entre arvoredos, casais humildes, e descendo dos altos, cortando os campos, correndo para nós, as estradas e os caminhos enchem-se agora de movimento e agitação. Em camionetas, em carroças, nos burrinhos ligeiros, palmilhando a terra batida e o macadame, o povo de algumas léguas em redor, converge para a cidade, vem ao mercado, espalhando-se já pelas ruas estreitas, pelos pequenos largos do velho burgo, e no desafôgo do novo bairro que se aproxima e circunda o jardim, com o seu ar moderno e urbano de civilização e actualidade.

É um regalo da vista e do espírito percorrer a feira garrida e rumorosa que, transbordando do mercado fechado, se estende a ruas e largos, como à antiga praça, salão nobre da cidade velha, com a sua arcada acolhedora e sombria, e, ao fundo, como um grande quadro heráldico, acima do casario e dos telhados, o castelo, na sua postura majestosa de domínio.

Pela tardinha, quando Leiria recai em meditação contemplativa (e é como se a sombra do castelo, alastrando, crescendo, atingisse as almas e os espíritos), subimos outra vez a íngreme encosta para vermos o poente sôbre a paisagem que, às tonalidades macias do entardecer, se alonga pelo largo vale, terminando nas grandes manchas dos pinhais verde-negros, no verde-pino de El-Rei D. Denis, subindo nas dunas, debruçado sôbre o mar...

ACÁCIO LEITÃO

Fotos de Alvão, Beleza e Carlos Nunes

O mercado, onde nada falta

Trechos da cidade e do Pinhal de Leiria

A mulher portuguesa — seja do Minho, das Beiras, do Alentejo ou do Algarve —

tem sempre um sorriso natural, transparente e comunicativo. — Fotos de Tom.

Foto Manfredo
Foto Beleza

«PORTUGAL es un pueblo triste, y lo es hasta cuando sonríe», escreveu um dia Miguel de Unamuno. Aqui temos um viajante erudito que era, no entanto, mais alguma coisa do que isso: era poeta. ¿Teria êle razão?

Ora triste, ora alegre — é o que supomos ser o nosso povo. Tal como os outros povos, sem dúvida... Mas *sério*, mesmo quando alegre. O que, visto à transparência do seu sorriso, parece tristeza, talvez não seja mais do que certa gravidade, certa *consciência de presença* — que nem o próprio riso exclui, e que domina, ou melhor: refreia os sentimentos do português.

¿Não será isto o que revelam estes sorrisos femininos, colhidos *ao natural* em várias províncias do nosso país?

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

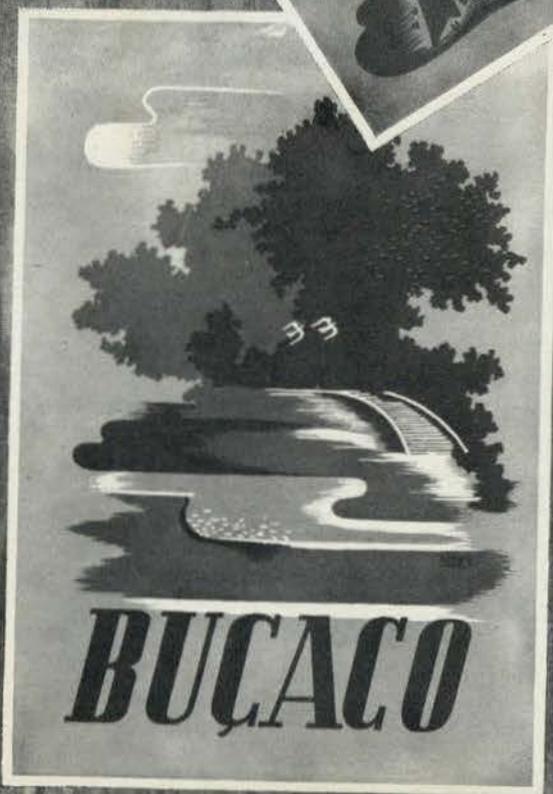
SALTA aos olhos de tôda a gente o incremento extraordinário que o turismo nacional tem recebido, nestes últimos anos. Tanto no campo das obras públicas — de arte, de engenharia, restauros, etc. — como no da propaganda dos valiosos elementos de atracção de que dispomos: clima, paisagem, arte monumental e popular...

Não admira, portanto, que se intensifique a publicação de livros, folhetos e periódicos ilustrados — que são, como se sabe, os mais importantes e eficazes meios de propaganda turística. Pela palavra e pela imagem se fica a fazer uma idéia do que possuem as terras e aglomerados urbanos, digno de ver-se e admirar-se.

Mas há uma coisa, chamada *Artes Gráficas*, que deve ser respeitada — tanto como são, pelos bairristas, as preciosidades regionais. E dizemos «tanto» porque, se o não fôrem nessa justa medida, correm as mesmas preciosidades imediato risco de serem amesquinhadas, inconscientemente, pelos próprios bairristas...

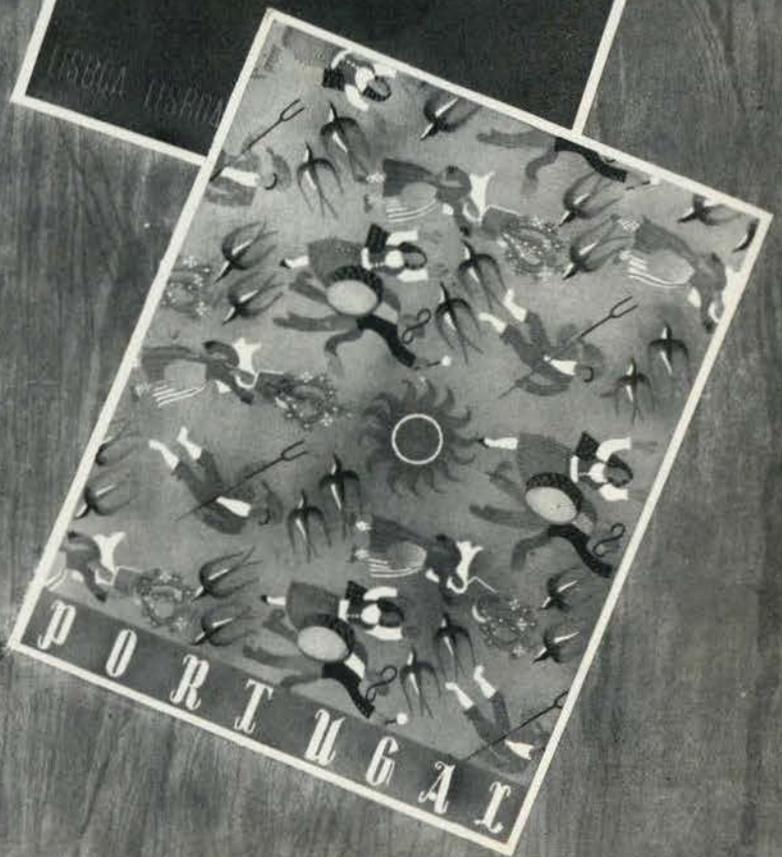
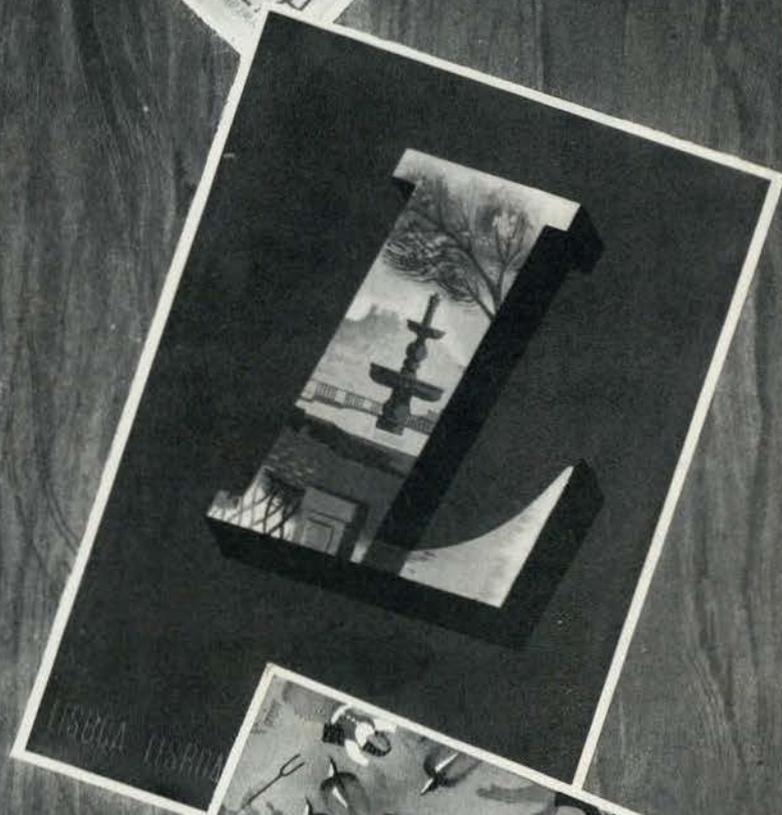
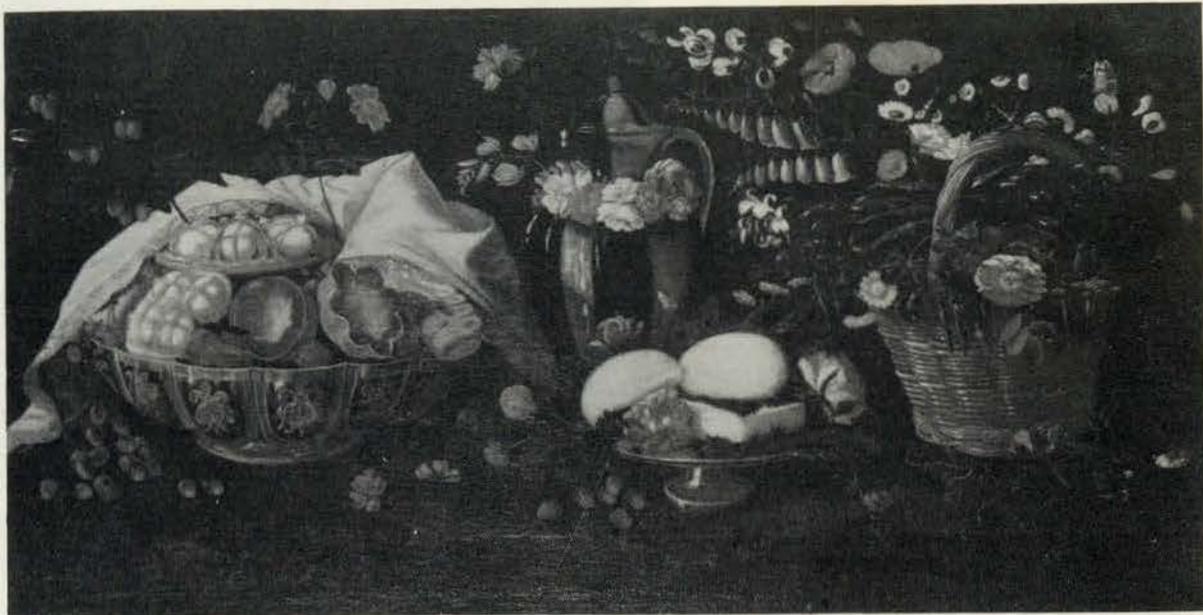
¿Pois não bastará que estes se disponham a fazer a propaganda das suas terras em monografias ou boletins de tão péssimo gôsto, como tantos que por aí se encontram?...

Começa logo pelas capas: Côres gritantes, duras, mal impressas; vinhetas despro-

positadas, frustes na intenção e incipientes no desenho; tipos gráficos deselegantes, com várias *famílias* misturadas; composição desarmónica, barrôca, farfalhuda...

Por dentro, às vezes, é pior ainda. E muito pior ainda se quem dirigiu a composição se dispôs — sem ser artista — a fazer um pouco de *fantasia*. É fatal que resulta *fantesia!*

As *Artes Gráficas* existem e, por serem artes, não deixam de ter as suas leis, as suas normas. Normas ou leis que é preciso conhecer e respeitar. É por isso que há especialistas delas, como das outras.

Não faz uma bela casa quem não estudou arquitectura e é desprovido de talento — ou melhor: de vocação especial. Do mesmo modo, nunca fará um belo livro quem não souber do ofício, e não possuir essa virtude determinada e rara que se chama: *bom gôsto gráfico*.

Nestas páginas se reproduzem alguns exemplares onde êsse bom gôsto se manifesta. Não para serem imitados, mas para serem compreendidos. Fazer diferente é preferível. Mas é preciso saber fazer diferente! — Além disto, fixemos que a *sobriedade* é, também neste capítulo, uma bela virtude.

"JOSEPHA EM ÓBIDOS"

1676

JOSEFA de Ayala, a pintora a que uma lota de sangue português e castelhano deu, talvez, uma personalidade artística singular, umas vezes de um recolhimento tão feminino que lembra soror Violante do Céu, de uma exuberância tão espectacular, outras vezes, que recorda Tirso de Molina, é ainda hoje um mistério para a investigação, um problema apaixonante para os que vivem no desejo saboreado de interpretar as suas telas ora cheias de feminilidade e de graça, ora resplandecentes de fé cristã e penetradas de emoção vibrante e dramática. A sua obra, onde há curiosidades de tôda a sorte, até ensaios de ceramista, oferece um largo campo de observação. À volta de Óbidos, onde a memória popular, — a mais fiel de tôdas as memórias — guarda uma devoção perene pelo seu nome, raro é o quadro e assunto religioso ou natureza morta que se lhe não atribua. Dos termos da fidalga Atouguia da Baleia até os Coutos de Alcobaça, raro é o templo ou clausura onde se não aponta uma obra do seu pincel. A sua residência em Óbidos, na quinta arrabaldina que devia dignificar-se com um Museu em sua honra, documenta-se em muitos dos seus quadros. E é com a assinatura «Josefa em Óbidos» e a data, que os seus trabalhos mais representativos chegaram até nós. As duas telas que aqui se reproduzem e que figuraram na Exposição das Personagens Portuguesas no Século XVII, *promovida e organizada pela Academia Nacional de Belas Artes, bastam para lhe marcar um lugar de honra na série dos artistas plásticos do seiscentismo português. Josefa de Ayala, nestes dois quadros de alto sentido decorativo, tão ricos de côr, tão dominadores pela opulência da composição, tão expressivos como documento etnográfico, minuciosos sem ser mesquinhos, dá-nos, com feminilidade conventual, uma lição do que era a confeitura fria do seu tempo, empapelada de rendas, acondicionada em condessas de verga fina, resguardada em caixas pintadas, coroada de palitos floreados, pousada em salvas de estanho e prata, arrumada em taças e cuvilhetes de faiança, enastradas de fitas polícromas, acamaradada com barros frescos e lustrosos, num jeito de glória teatral às virtudes domésticas da culinária doce. Lá estão os folares pascais com as suas cruzetas de massa tortada sôbre os ovos cozidos, a tijela de dôce de chila, os pães de ló na sua cama de papel picotado, as queijadas, os fartens, as hóstias brancas e vermelhas, enformadas como mariscos, para os ovos de Aveiro, as grangeias e as obreias, e tanta outra doçaria indígena, fôfa, gostosa, amanteigada à sombra verdoenga das favas e das ervilhas que parecem estar ali para que as coisas de açúcar avultem melhor, para que mais sorriam ao nosso apetite lambareiro de descendentes de dez gerações de gulosos.*

Estas duas telas de Josefa de Ayala, pintadas em 1676, sôbre a sua expressão documental, culminam a pintora num lugar notável da galeria dos artistas decoradores do século XVII. *«Josefa em Óbidos» pressentiu e adivinhou a visão da hora presente em que os olhos procuram alguma coisa mais do que a simples lição da verdade do momento, e prescutam na pintura, sôbre a perfeição do desenho e a exáção da côr, o sentimento da composição e a inteligência devinatória dos mistérios do decorativo.*

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Pintura de Josefa de Óbidos, existente no Museu-Biblioteca Braancamp-Freire em Santarém

PORTUGUESES! PRATIQUEM O CAMPISMO!

Ao alto: — Pela estrada, a caminho da Serra da Arrábida. — Um acampamento da Mocidade Portuguesa. — Duas flagrantes cenas de campismo.

Quem viaja pela terra portuguesa, já se habituou a ver, aqui e ali, na espessura discreta dum pinhal ou no brando declive duma praia, a mancha simpática dum acampamento. Já mais duma vez se cruzou, numa estrada, com um grupo alegre de rapazes que, de mochila às costas, vão, despreocupadamente, em busca duns momentos de alegria sã. — São os *campistas*. É bela a vida que vão viver! Esquecem o rítmo fatigante da cidade e retemperam o corpo no contacto vivo da natureza. Caminham, veredas fora, peito aberto à carícia fresca da brisa, olhos a sorver a paisagem, ouvidos atentos à música inesquecível que os rodeia e, à tardinha, quando o sol tinge o poente numa apoteose rubra, armam a sua tenda na beira verdejante dum regato ou no quadro repousante de qualquer praiazita esquecida. Depois, vem a fogueira a crepitar contra o fundo azul-negro do céu crivado

Uma barraca na margem bucólica da Prêsa da Penha Longa, em Sintra. — Campistas no Portinho da Arrábida

de estrêlas, e o sono tranqüilo, o sono feliz!... Chega a manhã e, com os primeiros alvores da aurora a espreitar no horizonte, os *campistas* despertam ao chilrear alegre dos pássaros, acordam para um novo dia de prazer — o prazer da vida do campo, em franca e leal camaradagem.

É assim o *campismo*, e Portugal é um dos países europeus que mais belezas oferecem aos amadores dêste novo e magnífico desporto. Não faltam formosas praias, serranias imponentes, frondosas matas e pinhais. Não faltam aqueles recantos solitários que constituem o sonho dos adeptos da vida ao ar livre. De norte a sul, são inúmeros os locais onde os *campistas*, armando as suas tendas, podem disfrutar os encantos inexcedíveis da nossa paisagem, gozar as delícias do nosso clima.

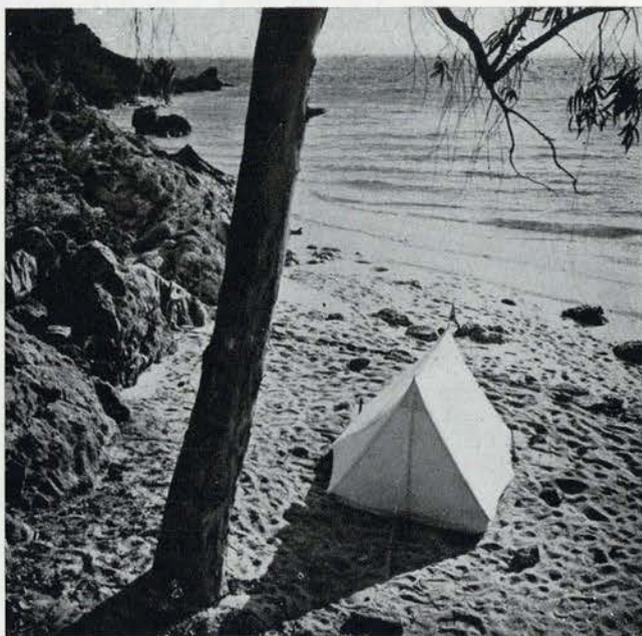
¿Incómodos? Canceiras? — O *campista* não sabe o que isso é, não dá por nada disso! O que êle sabe, por experiência a cada passo renovada, é que uma paisagem é incomparàvelmente mais bela para quem conquistou, com dispêndio de energia física, (dispêndio que é sempre salutar!) o cume do monte que a domina, a mata que a oculta ou o riacho que dela nos separa.

¿Falta de confôrto? — Temos aqui a cópia duma carta enviada por uma jovem *campista* a uma amiga, que se instalara num grande hotel e daí lhe escrevera, lamentando-a. Merece transcrição: — «Minha querida Amiga: Ao responder à tua carta, princípio por dizer-te que, se muito a estimei, também me causou certa pena, por ver como julgas tão mal estas minhas férias de *campismo*. Eu é que te lastimo a ti, ao pensar que, partindo ambas para

OCEANO ATLÂNTICO
CONHEÇA PORTUGAL
FAZENDO CAMPISMO
ALGUNS LOCAIS RECOMENDAVEIS PARA CAMPISMO
MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
CAMINHA
PONTE DE LIMA
VIANA DO CASTELO
VIEIRA
V. VIDAGO
CHAVES
PEDRAS SALGADAS
VIMIOSO
BRAGA
VILA DO CONDE
GUIMARÃES
VILA REAL
MOGADOURO
VALONGO
AMARANTE
SABROSA
MATOZINHOS
VILA NOVA DE GAIA
LAMEGO
TAROUCA
SERNACELHE
OVAR
VALE DE CAMBRA
ESTARREJA
V. NOVA DE PAIVA
TRANCOSO
MURTOSA
OLIVEIRA DE FRADES
AVEIRO
AGUEDA
VISEU
NELAS
CARAMULO
TONDELA
GOUVEIA
GUARDA
VAGOS
CURIA
BUÇACO
BELMONTE
COVILHÃ
PENAMACOR
FIGUEIRA DA FOZ
PEDROGÃO
PENELA
CASTELO BRANCO
LEIRIA
FERREIRA DO ZEZERE
PROENÇA-A-NOVA
NAZARÉ
TOMAR
VILA DO REI
S. MARTINHO DO PORTO
TORRES NOVAS
SARDOAL
GOLEGÃ
FOZ DO ARELHO
CALDAS DA RAINHA
ÓBIDOS
SANTARÉM
ALPIARÇA
GAVIÃO
CASTELO DE VIDE
MARVÃO
PORTALEGRE
TORRES VEDRAS
SOBRAL
AZAMBUJA
ALMEIRIM
V. FRANCA DE XIRA
ARRUDA DOS VINHOS
MAFRA
LOURES
ELVAS
BORBA
VILA VIÇOSA
ARRAIOLOS
ALANDROAL
REDONDO
CASCAIS
SEIXAL
SETUBAL
SEZIMBRA
EVORA
ALVITO
FERREIRA DO ALENTEJO
ALJUSTREL
SERPA
OURIQUE
ALJEZUR
ALCOUTIM
PORTIMÃO
LAGÔA
FARO
OLHÃO
V. REAL DE S.TO ANTONIO
MATOS CHAVES

férias, tu saíste duma cidade à procura doutra cidade, enquanto que eu, partindo da mesma terra, fui à procura dos campos cheios de sol, para admirar a beleza eterna da natureza na forte e feliz vida de ar livre.

«Vejo-te chegar à estação. As malas, os moços, os taxis, o teu quarto forrado de papel azul com janelas talvez para um saguão...

«Nós, mochila às costas, subimos às serras ou descemos às praias *livres,*

Em Alportuche e no Portinho da Arrábida é uma delícia acampar!

abrindo o peito ao ar puro, e levantamos o nosso quarto, que de azul só tem o recorte do céu...

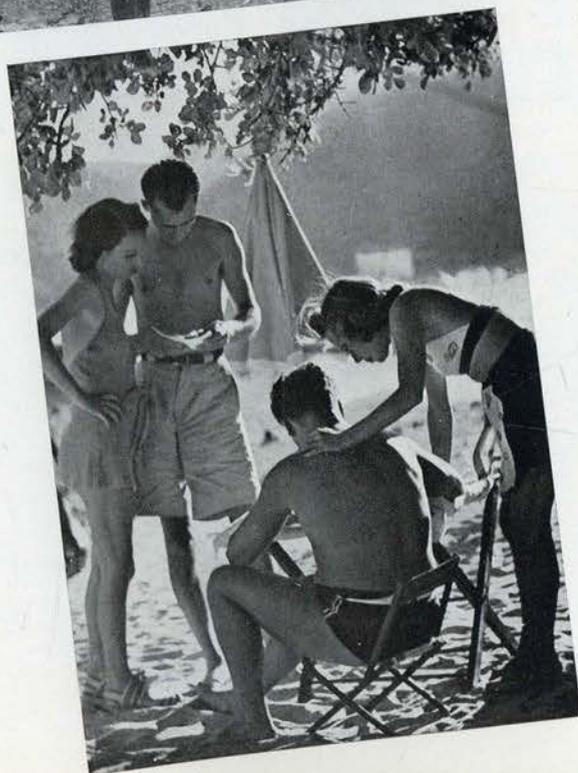
«Imagino-te em frente do toucador, indecisa sôbre o penteado, o vestido, o colar ou a côr do baton. Nós, sem espelhos, olhamo-nos no reflexo dos lagos; o vento penteia-nos, o sol dá-nos a côr.

«Por aqui, mais junto de Deus, a natureza, na sua poderosa fôrça, não nos permite vestidos apertados de salão: exige-nos fatos simples que deixem a luz, o vento ou a chuva beijar a nossa pele.

«Enquanto te divertes pelos cinemas, bailes ou teatros, — nós, mal anoitece, entregamos o nosso ser ao compreensivo, ao maravilhoso silêncio do luar e das estrêlas. Tu ouves concertos, conversas frívolas, má-língua... — enquanto nós escutamos a sinfonia das florestas, o marulhar das ondas, ou o saber secular e simples do pescador e do camponês. E mais nada, por hoje.

«¿Bastará para te convencer de que não sou digna da tua lástima?... Adeus.»

A autora desta carta chama-se Maria Luiza. ¿Não lhes parece, leitores, que Maria Luiza tem razão?

Fotos de Manfredo e do Clube Nacional de Campismo

OS ARTISTAS ILUSTRADORES MODERNOS NO S. P. N.

Mais uma vez os artistas modernos portugueses tiveram oportunidade de apresentar em público produções suas, noutra exposição colectiva promovida pelo S. P. N., que teve lugar nos estúdios dêste organismo e depois se repetiu, no Pôrto, no Salão de Festas do Coliseu.

Era já notório o nível de qualidade a que haviam chegado alguns dos nossos desenhadores e pintores, no difícil género de *ilustração*. Só não poderemos dizer que nêle se especializaram, pelo facto igualmente notório de serem escassas as edições portuguesas ilustradas. Assim, a primeira vantagem desta iniciativa foi, talvez, a de ter posto diante dos olhos dos editores esta realidade insofismável: — não falta, entre nós, quem saiba ilustrar (com espírito, com brilho, com graça e com excelente técnica) tôdas as modalidades da literatura de ficção, desde o romance à poesia. Resta saber se êles, os editores, se deram ao trabalho de lá ir...

O público foi — e saíu satisfeito. Os críticos profissionais reflectiram êsse agrado e a grata surprêsa que o certame constituíu, louvando a idéia e aplaudindo a realização. — ¡Porque, afinal, êsses *alguns* artistas eram bem mais do que pareciam!

Além disso, todos distintos uns dos outros, inconfundíveis. Desde Stuart de Carvalhaes a António Dacosta, e de Milly Possoz a Ofélia Marques, que variedade de estilos, de maneiras, de processos!

E ¡que belos desenhos, guaches, aguarelas e gravuras ali se viam, entre os sessenta e tantos trabalhos expostos, valendo por si mesmos, como espécimes admiráveis de arte moderna!

A exposição, organizada por Paulo Ferreira, foi consagrada à memória do director da revista *Contemporânea*, José Pacheco, «o nosso primeiro renovador das artes gráficas do século XX, o ponto de partida para o que outros fizeram» — como se dizia, muito justamente, no católogo.

Ampliando o interêsse dêste feliz acontecimento artístico, viam-se, em vitrinas, algumas dezenas de revistas e livros ilustrados pelos expositores e por outros artistas que — por razões várias — não se fizeram representar com trabalhos originais.

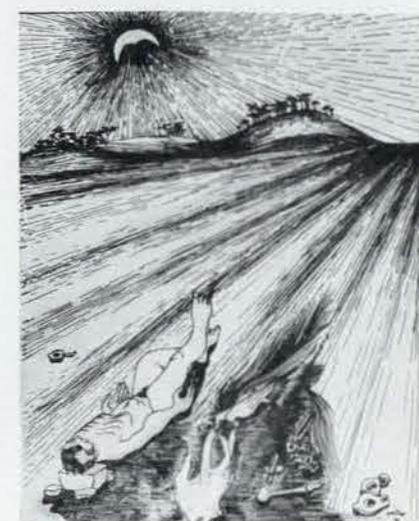
Stuart de Carvalhaes: Ilustração para «Paixão de Maria do Céu». — Clementina Manta: Desenho.

José de Lemos: Ilustração para o semanário «Acção». — Martins Barata: Ponta-sêca para «Ruas de Lisboa».

Maria Keil do Amaral: Ilustração e arranjo tipográfico de página para uma «Antologia Poética».

Milly Possoz: Litografia para a «Ilha dos Tesouros». — José Rocha: Desenha para «Singularidades duma Rapariga Loira». — António Dacosta: Ilustração para «O que eu não pude calar»

Matos Chaves: Desenho para «A Princesa 46.734». — Olavo d'Eça Leal: Desenho para «Raparigas». — Fred Kradolfer: Litografia para «Lisboa».

Maria Franco: Desenho para «Coisas do Céu e da Terra». — Ofélia Marques: Desenho para «Meninas». — António Pedro: Ilustração para «Apenas Uma Narrativa»

COIMBRA

por

VITORINO NEMÉSIO

Foto Beleza

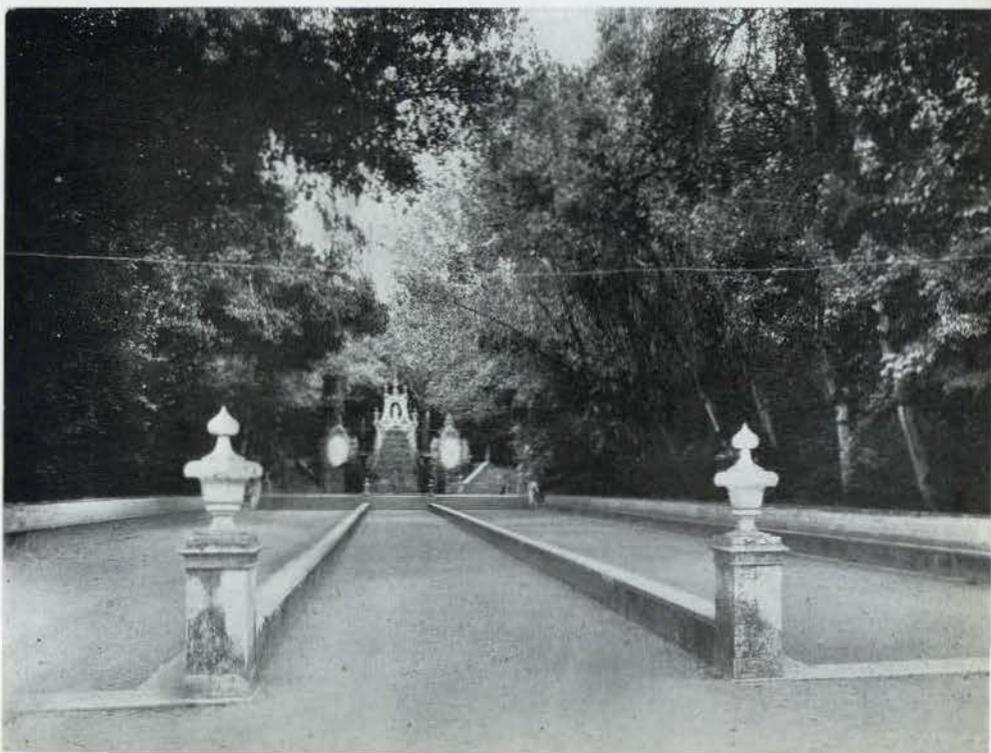
Universidade — Tôrre e Via Latina

Os restos de um cinto de muralhas sustentam a imagem de Coimbra entre os sinceiros do rio. Dão-lhe solidez. Couraça dos Apóstolos, de Lisboa, da Estrêla... São mais palavras que pedras. Mas o Arco de Almedina é ainda um belo sêlo para uma cidade antiga que perdeu muito de velha, e a que a lepra do cimento, do pseudo-barroco, do peinel de azulejos, foi tirando carácter. Mas Coimbra tem costas largas,

além do Quebra-Costas... O seu perfil a sudoeste, descoberto da linha férrea, é indestrutível, com aquele grande rosto de Narciso num fio de Mondego, aqueles ciriais de choupo, aquela casaria segura pelo esporão da Couraça à Portagem, que Raúl Lino em boa hora salvou; e lá em cima, apesar e por cima da mesquinhez das casas tomadas uma por uma, os belos contrafortes da alcáçova universitária com os seus telhados de rampa viva, dignos das grandes trovoadas de maio e de agôsto. O rio sobe em fio de choupo e humidade e torna tudo fluido. A ínsua arborizada explana a terra, dá um pouco de placa ao monte de casario. Vão-se desenhando as suaves assentadas da cidade a montante: a mata negra dos Bentos, o Seminário, as Ursulinas.

Depois — para quem veja a terra do alto da estrada de Lisboa, — as raízes serranas da cidade: a Cumeada cheia de vilas, o santuário dos Olivais com os seus arredores de pinho; os Tòvins, para onde sobe o povinho com as sacas do trabalho; o Picôto turístico, o Roxo e o Dianteiro. Do lado de lá, a Norte, a Estação Velha e Coselhas ligando Coimbra a uma boa parte do Campo, vindo pedir a sul

O túmulo de D. Sancho I, na Igreja de Santa Cruz. — A entrada do Parque de Santa Cruz

Fotos Beleza

o braço do Choupal para lhe estender a outra, e formar assim, com as elevações de Santa Clara, o aro bucólico de Coimbra, o seu anel de casada...

O que me interessa nesta terra é o estudante e as instituïções do estudante, está claro: o Pátio da Universidade, a Biblioteca, a Porta Férrea, a Rua Larga, o Castelo, e os mil e um adminículos de uma vida que é preciso ter vivido, registado na pele e no sangue. Porque se esta padaria do largo de S. João não está na nossa memória, se a rua da Matemática nunca nos deu uma república ou o Colégio Novo uma missa, — ai da substância de Coimbra, do seu segrêdo e do seu coração! Vêem-se caras... (o resto do rifão já se sabe...).

O encanto da terra está no pêso da lenda, na graça dos ares, no cunho de certas coisas arquitectónicas (não tôdas), mas sobretudo

Fotos de Manfredo e Beleza

Um aspecto do edifício do Museu Machado de Castro. — Um trecho do Choupal

num *quid* que faz de cimento de história e de topografia: numa espécie de explosivo sentimental que até me parece que tem nome no calão académico: a *coimbrite*. Estes fluidos da cultura em que entra a recordação, são perigosos: escondem a razão razoada das coisas, explicam tudo com um *porque-sim*. Mas tal-

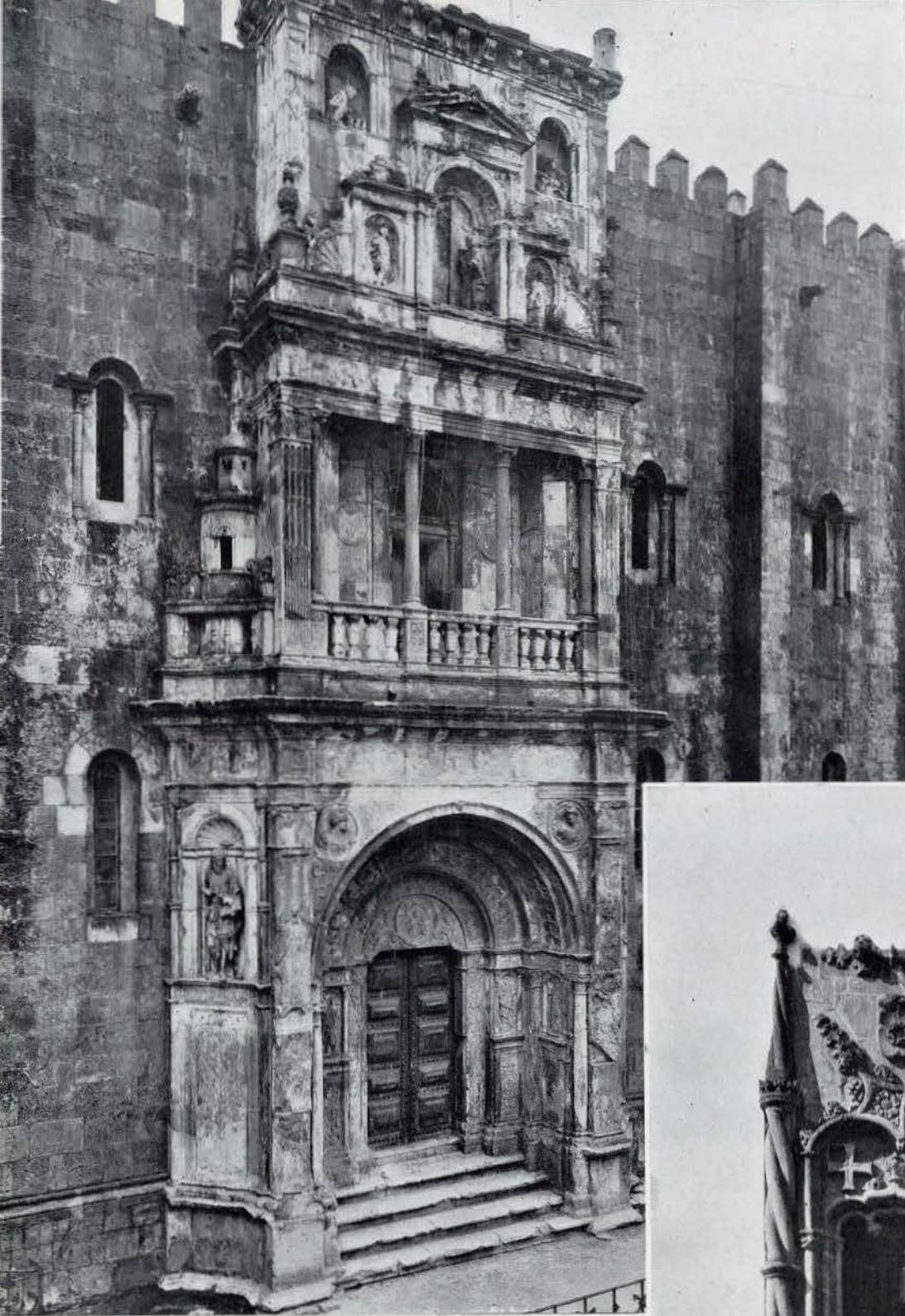
vez, até, que essa é que seja a radical explicação. Ortega y Gasset disse do Escorial: «nuestra gran piedra lírica». O Mondego é a nossa grande veia lírica. E Coimbra é mondégide, como Lisboa é tágide. Coimbra comanda a poesia do século XVI com a forma branca de Inês e as rodofícias das Lágrimas; o milho e os cavalos das lezírias de a-par Montemor comandam (que o diga Afonso Duarte) as recordações da *Diana*. E por aí abaixo até Garrett e Nobre, e do *Novo Trovador* ao *Novo Cancioneiro*, o que não vai de versos!...

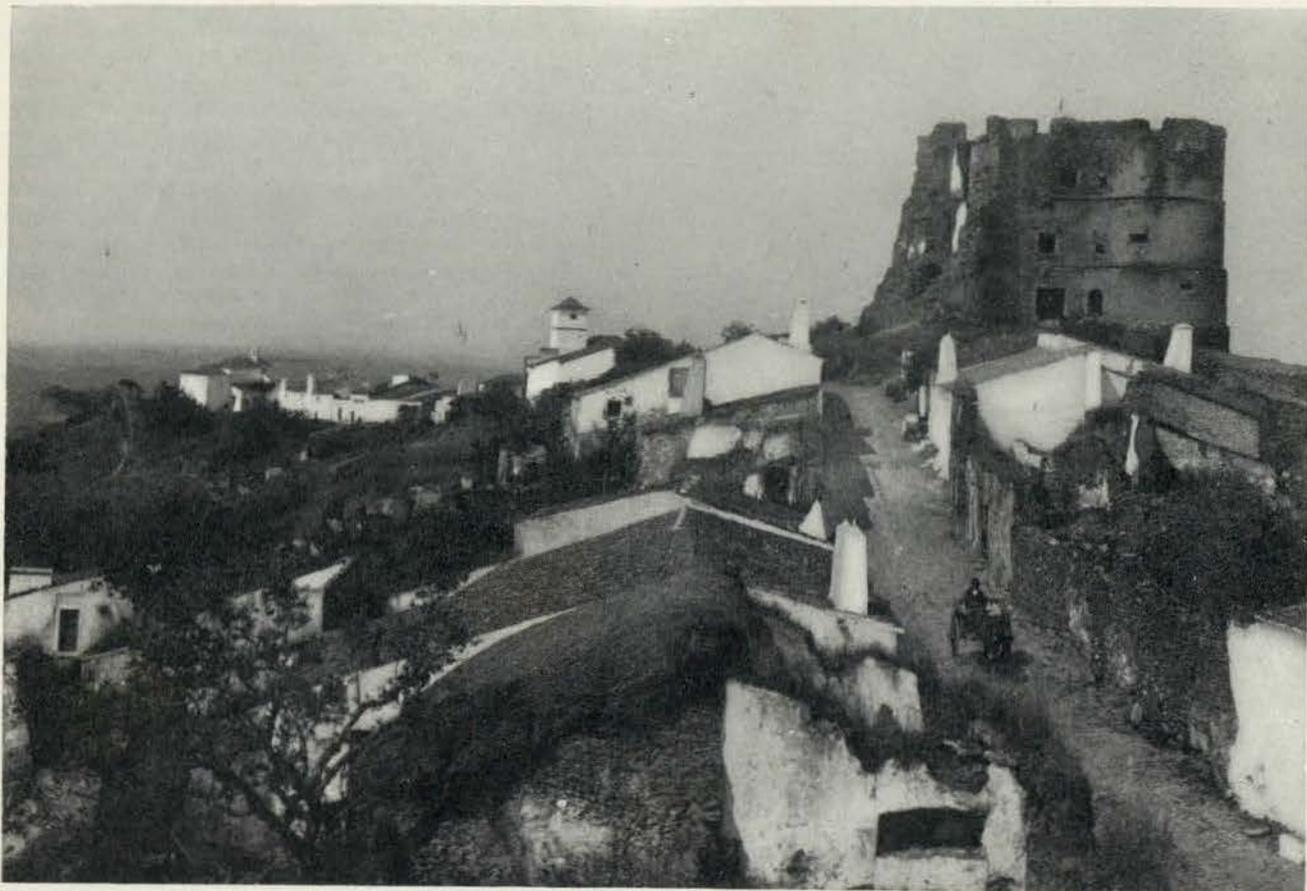
Terra e tôrre de Coimbra... Freguesia das Tôrres do Mondego e Senhor da Serra de Semide, com o Livro Preto e D. Paterno em românico e o Apocalipse iluminada no convento sem tetos de Lorvão... Trovoadas de Coimbra (c'um raio!), e aquelas barcadas de pinho que encostam ao cais da Portagem e que dão fogueirinhas e sardinha assada ao luar... Palmeiras exóticas, antipáticas, da Portagem, mas que Vásquez Diaz (oh noites do *hall* do Avenida a *líneas bromísticas*, com Guilherme Filipe ao leme da nau das utopias!) rehabilitou a lápis em belos movimentos de barqueiros à vara nos mouchões... Depois o quê? Cubículos da Biblioteca e a sedução do saber como um fruto entre espinhos — belos livros, rijas vergônteas de sola e flores tipográficas plantinas... Ex Regia Officina... Antuérpia... Amstellaedami... e sonhar um capelo como se realmente os sirgueiros da Calçada fizessem baga de loiro!... Mas, com isto e as trupes e as arrozadas da Rosalina, a nossa mocidade morta... A Mariana, minha servente, natural de Nogueira de Cravo no têrmo de Oliveira do Hospital, também morta... O Barateiro lá anda a ver doentes na Pampilhosa da Serra... (que terá êle feito ao cravo, pela serra acima?). Aulas da Senhora D. Carolina, e fotocópias, tulipas, os primeiros lilases de Abril, ou as cilindras de Camilo Pessanha e de Celas abertas para a gente saber que «o tempo da frol» chegou... Na Via Latina cheira a batina rasgada. Outubro tem raspa de caloiro... Que mais há-de ser para me eu

Fotos de Mário Novaes e Beleza

Coimbra, ao longe, vista da estrada de Lisboa

Galeria do Paço Episcopal (Museu Machado de Castro)

A lendária e poética Fonte das Lágrimas

Sé Velha: A Porta Especiosa. — O portal da Igreja da Universidade

lembrar de Coimbra? Será realmente preciso alguma coisa de artificial ou de poético para que Coimbra viva e esteja dentro de muita gente e de mim? Coimbra! É verdade ou não é? — como dizem os bêbados, convencidos de uma grande coisa.

ÉVORA-MONTE

Decadência histórica – Renovação turística

QUEM, deixando Estremoz, talvez dois quilómetros aquém da Porta do Reguengo, voltar à esquerda, tomando pela estrada de Évora, divisará, no ponto mais alto da cumeada que lhe cerra o horizonte, um cubo negro, cujos pormenores são indecifráveis à distância, mas que os conhecimentos da História lhe dizem ser o célebre Castelo de Évora-Monte, remate urbanístico, pequena cidadela, onde teve epílogo um longo prélio, com a célebre «Convenção», que dêle houve o nome. Dir-se-ia que Deus, ao fazer o mundo, aguardando o sentido estético dos homens, enrugou um pouco a harmonia suave da planície com uma altura privilegiada que, sem perturbar a amenidade da paìsagem, permitisse à vista apossar-se, desde o terraço do seu castelo, do azul do céu e da extensão do horizonte. Vamo-nos aproximando de Évora-Monte. A estreita fita de macadame desenrola-se por entre campos de semeadura, estevais, montados de azinho e sôbro; plantações de oliveiras e pomares, e, tão depressa como o digo, espraia-se num amplo largo cercado de casas, talvez incaracterísticas, mas com bom aspecto em tamanho e limpeza. Uma placa levantada no sopé de íngreme ladeira diz: «Castelo de Évora-Monte — 1.200 metros». — Valerá a pena a ascenção? A subida desta encosta, por um caminho estreito, mal pavimentado e serpeando diabòlicamente pela vertente empinada da montanha, é um prazer que não se descreve. Quando o automóvel se detém junto à ladeira de acesso à primeira porta do Castelo, o peito oprimido por uma respiração contida, dilata-se, enquanto os nossos olhos, semi-cerrados, se defendem da luz forte que faz esplender tôda a calma e beleza da paìsagem alentejana, numa visão ampla e policrómica da natureza circundante. É preciso andar mais umas centenas de metros. A paìsagem alarga-se, esquecemos a lama resvaladiça do caminho, ao longo das vetustas muralhas que cercam o burgo já adivinhado, até chegar à Porta do Sol, por onde o automóvel pode entrar no triângulo amuralhado. A-pesar do aspecto de abandono que se vai notando, ameias derrubadas e bojudos cubelos

de alicerces roídos pelos séculos que dão a impressão de perigosa instabilidade — nem por isso carece de sóbria imponência esta primeira impressão do Castelo dionisíaco. E aqui começa a deliciosa aventura da visita, «chaud-froid» para um turista cosmopolita e — «poenitet me peccati...» — para um português consciente.

Escreveu Pedro A. de Azevedo que «a psicologia dum povo, o seu estado mental e moral, a curva sofrida pela sua civilização e pelo seu desenvolvimento, é traduzida nas várias épocas pelos seus monumentos, pelas suas obras de arte».

Que êste meu testemunho sirva de documento de resgate a juntar a tantos outros, que mostram o interêsse dos portugueses pelas obras de arte, promovendo o culto, o estudo ou a curiosidade em tôdas as camadas sociais, até atingir aquela finalidade enunciada pelo grande mestre português nas letras e na arte de jornadear — Ramalho Ortigão — quando escreveu: «É indispensável à decência do pensamento nacional que na escola primária portuguesa se ensine a história elementar da arquitectura portuguesa».

Mas vamos entrar e visitar o que resta da antiga vila. Aproveitando, como assentos, as escadas que levam do terreiro aos adarves, junto à porta, algumas mulheres e crianças, ao sol, fazem um friso de guarda de honra, que seria pitoresco, se flagrantes pormenores não lhe ofuscassem o «interêsse folclórico...». As pequenas casas, muito modestas mas de interiores asseadíssimos, com seus quintalejos miniaturais, limitam dos dois lados, continuadamente, a estreita rua arcaicamente calcetada, onde estacionam curiosos, clássicos tipos alentejanos com seus pelicos surrados, de olhar assustadiço. Ladeando o largo do Castelo vai-se até ao adro da Igreja Matriz, monumento de interêsse, para o qual não deixam de concorrer os ingénuos frescos, a velha casula e até o mal situado cemitério. Chamarei *Largo do Castelo* ao terreiro que circunda a *Tôrre de Menagem* porque na verdade é um *cone* irregular, despido de árvores, coberto de ervas ruins e semeado de pedras, por onde quási se agatinha até atingir a porta de entrada, seguindo os lentos passos do velho «cicerone» — pobre ancião trôpego e surdo, a quem seria lícito preguntar se foi testemunha ou herói da vitória liberal... Algumas crianças andrajosas completam o usual cortejo das visitas a monumentos nacionais; e eis-nos chegados à pouco histórica porta do muito histórico e velho Castro. A luz coa-se pelas enferrujadas grades das amplas janelas e pelas abóbadas esburacadas, instàvelmente equilibradas sôbre doze colunas de pedra trabalhada e esverdeada pelo limo que as cobre, sobrepostas 4 a 4, formando três pisos. Ousadamente, pode-se visitar, subindo por estreita e mal reconstruída escada em caracol com insultos de cimentos, até ao terraço, sôbre o qual se ergueu tôsco obelisco, talvez marco geodésico, símbolo de mau gôsto — embora possìvelmente muito utilitária construção.

Vale a pena arrostar com o incómodo da ascenção e com o horror da piramidal coluna, para deliciar os olhos e tôdas as possibilidades de satisfação da sensibilidade humana, ante a vista que dali se desfruta. A paìsagem circunda-se por uma extensão de muitas léguas, de uma beleza panorâmica cheia de contrastes: montados, charnecas, olivedos, esguios eucaliptos ao longe e suaves superfícies verdes, sucedem-se, avivados, aqui e além, de vilas, montes e pequenas casas que alvejam imaculadas, em contraste com a Tôrre de Estremoz, longínqua, soberana do alto da sua colina, austera e digna como a História.

T. A.

(Continua na pág. II)

Fotos do Eng.º A. Ferrugento Gonçalves e Dr. Tavares de Almeida

Casos e Coisas de Turismo

* * *

Esses Cafés provincianos, anti-estéticos e anti-turísticos . . .

NÃO investiguei, antes de principiar a rabiscar estas regras, até que ponto vão, em matéria coercitiva ou interventiva, as atribuïções das comissões e juntas locais de Turismo, ou das Câmaras Municipais — nos concelhos onde essas comissões faltem — perante casos, como êste, de que me lembrei hoje de tratar.

Suponho que as Municipalidades, pelo menos, podem nêle intervir ou influir com eficiência. E se tal não lhes é possível, então que alguma outra entidade mais competente e potente lhe busque e lhe dê remédio, pois que de cura urgente a perniciosa moléstia precisa.

Quero-me referir ao mau gôsto com que são decorados e mobilados, muitos dos cafés, abertos recentemente por várias terras de Província. Limito-me a circunscrever o facto a êsses estabelecimentos (de banda pondo culpas idênticas, que a muitos outros poderia apontar) por circunstâncias especiais — e turísticas — lhes dizerem respeito.

Os cafés de terras de Província, mais do que os de Lisboa ou Pôrto, cidades capitais, onde se multiplicam os atractivos, são, tirante alguns raros grémios, de freqüência nocturna e restricta a associados, os centros, por excelência, de reünião e de convívio dessas localidades. Não só, em seus vagares diários, o indígena ali vai, beberricando uma «bica», buscar encontros com amigos; novas do mundo, berradas pela «rádio»; o prazer duns dedos de conversa ou dumas voltas de gamão ou dominó, como também, o viandante ou visitante, nêle tem o local mais aconselhado a pouso ou repouso de suas horas de ócio.

Para estes últimos, sobretudo, com passagem pelo simpático povoado (uma tarde, apenas) ou com demora maior de negócios ou de recreio (dois dias, apenas) o bom café da província é o recurso que lhes resta, para não morrer de enfado no quarto da hospedaria ou, não havendo amigos na terra, para não fugir dela — por mais bonita que seja — quanto antes e a sete pés.

Mostra já isto, me parece, o papel especial e de monta que exercem, na vida de relações dos seus habitantes, entre si ou com passantes, êsses pequenos cafés de povoações provincianas. E mostra, por igual, se considerarmos bem que êles são — porque são, devido ao reparo agradável, ou desagradável, causado ao espírito de excursionista—elementos essenciais de turismo, como tem de os olhar também, e de os apresentar, e de os cuidar, os naturais dessas povoações.

O turismo, no seu aspecto industrial,

ou seja no da exploração, com fins materiais, dos valores climáticos, históricos, pitorescos, etc., duma terra ou duma região, é delicadíssima arte, onde — paradoxalmente, à primeira vista — as coisas mais insignificantes são as mais importantes.

O espectáculo da mais deslumbrante paisagem, bem como a intensa comoção havida, por exemplo, em face dum cemitério de campo de batalha, pronto se enegrece nos olhos e morre nos corações, quando perto uma esterqueira fumegue e asquerosamente nos perturbe a pituitaria. A fama duma praia, a excelência dumas termas, a glória dum burgo acastelado; a simples e risonha fisionomia duma aldeia, entre vinhedos e pinhais, não resistem a porcarias, sejam elas de que natureza forem. O turismo é ferrenho inimigo da sujidade, da incomodidade, da fealdade dos atributos ou complementos de certas belezas apregoadas, assim como das espertezas, das complicações e... das moscas. O Mau gôsto, principalmente, dá-lhe um profundo desgôsto. Não o traga.

Ora os cafés da província, em regra geral, primam infelizmente pela sujidade, pela incomodidade, etc., etc., moscas e... mau gôsto. (À puridade aqui devo confessar que, por esta finta, não ilibo dessas pechas — da última principalmente — a maioria dos (como se costuma dizer...) «estabelecimentos similares» de Lisboa e do Pôrto.

Ninguém pode ter, eu sei, dum momento para o outro, bom gôsto, como boa educação, igualmente, que são virtudes especiais e individuais, vindas do berço ou ali principiadas a adquirir. E mesmo, gôstos bons ou maus não têm discussão — assim o diz um velho adágio, de invocação mais cómoda para inimigos dos primeiros do que para os cultivadores da última. Mas quando mesmo, os gôstos não produzam disputa, produzem, consoante sua ruindade ou sua excelência, efeitos perniciosos ou louváveis, na matéria em causa — quero dizer: em matéria de atracção artística. O que, se não é discutível, pode ser condenável.

E os cafés de província, por isso mesmo, são, em regra... condenáveis.

Quando seus donos se lembram de os construir ou de os modificar, bem poderiam aconselhar-se, junto de entidades, como os Serviços de Turismo do S. P. N., que do assunto entendem e no assunto superintendem. E que lhes dariam, sempre, se não auxílio técnico, parecer atilado e acertado. Mas, não. Dão ao Demo, na figura dum mestre de obras e dum marceneiro do tipo *Rua da Palma de Lisboa*, essa difícil — e até dispendiosa cardada. E os seus cafés resultam incaracterísticas e horríveis *barbearias da moda*.

A seu alcance, na terra ou na região, tinham — quantas vezes! — riscos de arquitectura castiça, mobiliário típico, motivos ornamentais de grande beleza e pureza, para ali serem transcritos, aproveitados e aplicados. Tinham — outras tantas! — pedra, madeiras, ferros e outros materiais, trabalhados pelo artezanato local, ali de muito mais conveniente utilização e emprêgo. Tinham — até, e com freqüência — recurso a opiniões ou sugestões acatáveis de conterrâneos viajados ou entendidos, para orientar essas obras. Pois, disso nada aproveitam ou prezam. A imitação do que nas cidades maiores, se faz de péssimo, é o seu fito. E do conluio entre proprietários e futuros gerentes, com capatazes de trolhas e de carpinteiros «de muita *geiteira*», e com lojistas lisboetas ou portuenses, desejosos de despachar «monos», surgem essas dezenas e dezenas de abôrtos, de que está inçado Portugal, de lés a lés.

E, no entanto, o café da província, bem precisava de ser — por quanto dito fica — maneirinho, acolhedor, dum confôrto e duma simplicidade tocantes, encantador como lindo mostruário de quanto fôsse caracterìsticamente regional; cartaz aliciante da terra; um dos seus primeiros e melhores elementos de propaganda. Nunca perderia, em fornecer, além do líquido — feito a primor — que lhe dá classificação, os vinhos, sendo bons, e os frutos e os dôces, havendo-os, da povoação e das suas redondezas. Nem tampouco, deveria desprezar, como coisa que lhe traria mais renome e proventos, um serviço de restaurante, reduzido embora a um dos mais célebres pitéus provincianos, e àquele bife, costeleta e ovos estrelados ou mexidos, que por tôda a parte se requerem e se apreciam, quando cozinhados a primor.

Mas ainda é, sobretudo, no seu aspecto repelente ou atraente, que desejo fincar minha vistas. Porque é indispensável, de futuro (já que, até hoje, tal se não fez) impedir que se inaugurem, ou reformem para reabertura, cafés provincianos, segundo a gana e o mau gôsto de cada qual.

Não consentem as Câmaras Municipais — que eu saiba — nas povoações, a construção dum muro sequer, sem obediência a alinhamentos, a dimensões, a harmonias, impostas pelas mais elementares regras da urbanização mais comesinha. Já nas cidades — que eu saiba, também — funcionam, junto dêsses organismos, Comissões de Estética, para impedir, justamente, os dislates ou disparates pensados por qualquer proprietário ou rabiscador de plantas de prédios. Já, por dezenas de vilas, que reclamam títulos de «centros de turismo», outra comissões — as de comêço já referidas — tem a seu cargo velar por quantos problemas sôbre Turismo impendam.

Se na sua alçada (acabo, como principiei) êste caso dos cafés de Província, anti-estéticos e anti-turísticos, se não encontra e não pode ser por elas evitado, resta-me requerer ao S. P. N., mais uma iniciativa...

... a de — como fez, para as hospedagens, com a «Estalagem do Lidador» e as pousadas que por todo o país se espalham — meter ombros à emprêsa de tranformar um dêsses feitos e tristes cafés da província, num lindo café moderno e bem português, que a outros sirva de exemplo, seja mais um padrão da sua Campanha de Bom-Gôsto, e — ainda mais — um alto serviço rendido à causa do Turismo em Portugal.

AUGUSTO PINTO

Desenhos de José de Lemos

ARTIGO PREMIADO NO CONCURSO «O PASSEIO IDEAL»

Uma volta pelo MINHO

por

C. Vila-Lôbos Machado

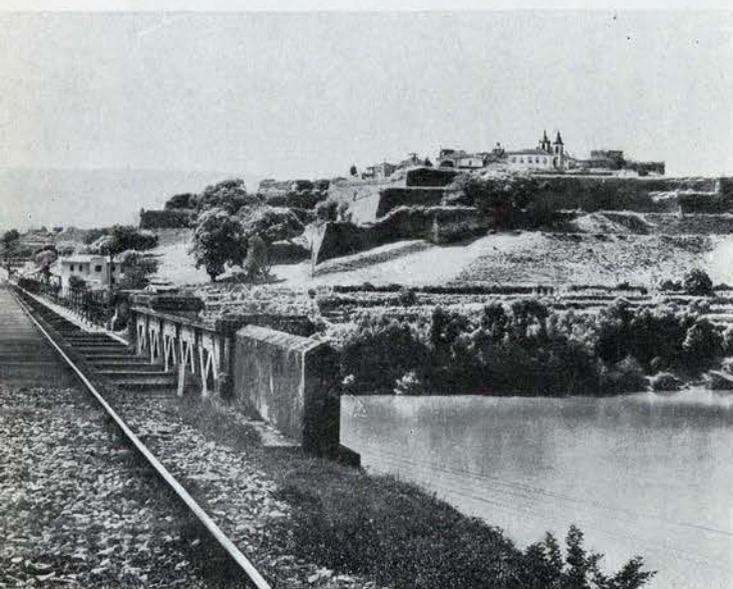
É já estafado lugar-comum o dizer-se que se Portugal é o jardim da Europa, o Minho é, sem dúvida, o seu mais vicejante e florido canteiro. ¿Que admira, pois, que o nosso entusiasmo se manifeste, sempre que se nos ofereça oportunidade de o percorrer, pela centésima vez que fôsse, em qualquer direcção?

Trauteando, alegremente, em surdina, um «couplet» em moda, aprestávamo-nos, por isso, apressadamente, para a partida, que o automóvel aguardava já, lá em baixo, e o pêndulo do relógio, batendo sem cessar, trazia-nos à idéia aqueloutro que Baudelaire cantou porque estava sempre a lembrar-lhe — cada hora, cada minuto, cada segundo — «souviens-toi... souviens-toi...».

Na efusão das primeiras trocas de impressões nos pusemos a caminho. Fazia um tempo maravilhoso, fresco, sem ser frio; «glorioso» (como diria um inglês), sem fatigar — um dia ideal!

Era nossa intenção seguir pela beira-mar; à última hora, porém, resolvemos fazer a primeira parte do percurso por Famalicão-Barcelos-Viana, prosseguindo então pelo litoral.

Admirável idéia a nossa! Em Famalicão era dia de feira, uma grande feira variada e cheia de policromias, que se adivinhava já a distância, na estrada, pela intensificação, cada vez mais acentuada, do trânsito, a pé e em camionetas, de permeio com carros de bois e carroças pejadas de mercadorias de tôda a espécie. E que belo espectáculo para os olhos não é uma feira no Minho! Por êste enorme e gárrulo mercado nos embrenhamos, parando, aqui, diante de uma junta de bem armados e grandes bois barrosãos, ou extasiando-nos, acolá, à vista dum estendal de louça de barro a um tempo tão alegre e de tão primitiva arte, ou dos tecidos caseiros, de tão engraçados desenhos e coloridos!

Músicos populares de Barcelos

Acomodadas as pequenas «mercas» realizadas, lá abalamos para Barcelos e Viana-do-Castelo, não sem primeiro fazermos a romagem sentimental ao pobre solar Camiliano de S. Miguel de Seide, onde viveu um dos mais atribulados e extraordinários espíritos da nossa terra.

*

O homem do Sul fica extasiado com a entrada em Viana — e não admira que assim seja, quando os naturais se não cansam dessa vista de tão surpreendente beleza. Já de longe avista-se a cidadezinha e a ponte metálica, extenso traço de união da via ordinária e do caminho de ferro. Ao fundo, imponente com a sua basílica, o Monte de Santa Luzia, donde é fama — dizem-no categorizados estranhos — que pode desfrutar-se um dos três mais belos panoramas do Mundo.

Não na terra a que hoje chamamos Iraque, mas por aqui, devia ter sido o Paraíso Bíblico donde nossos pais foram expulsos. Com efeito, nunca a expressão foi mais justa do que quando, depois de passarmos Areosa, Carreço, o farol de Montedor e Afife — donde são os mais sugestivos trajos de Portugal — atingimos Âncora e começamos a percorrer aquele formosíssimo trecho que vai de Caminha até Valença, Monção e Melgaço, sempre a serpentear ao lado do rio Minho.

¿Há ainda aí alguém que se recorde dos «Fidalgos» do tempo do cinema mudo? Pois foi aqui filmada, nesta velha Casa da Tôrre que nos fica à esquerda, uma boa parte do trabalho respigado da obra imortal de Júlio Deniz. Uns quilómetros, poucos, adiante, depara-se-nos, de surprêsa, numa curva da estrada, a encantadora propriedade conhecida por «Ilha dos Amores», verdadeiro éden de vegetação luxuriante, uma pequenina e atraente selva onde o dono, figura bem conhecida no Pôrto, deve sentir-se rei.

Em Valença, o auto em que seguíamos encaminhou-se para Vigo, com dois dos passageiros, continuando os outros três, pelo caminho de ferro, a viagem até Monção, «términus» dêste primeiro dia de encantamento.

*

Amanhecia, quando despertei. Num ritmo compassado, lento, ouvia-se, num crescendo enervante, o bater arrastado dos pesados tamancos dos campónios que atravessavam a Praça de Deu-la-Deu, com seus carregos de hortaliça ou pão, ou que, em direcção ao trabalho, chegavam à vila. Depois de atingirem o máximo de intensidade debaixo da minha janela, lá prosseguiam, agora num «diminuendo» musical, até se perderem ao longe, aquêles passos a um tempo pesados e sãos dos tamancos de pau dos aldeães do extremo norte de Portugal.

Não tardou que a esbelta criadita do hotel nos viesse alarmar. Em breve abancávamos a tomar o pequeno almôço acompanhado de um pão bem cheiroso e fresquíssimo, que nos soube inacreditàvelmente bem.

Pairava no ar uma névoa espêssa, que dava uma certa «patine» ao velho largo monçanense. Sinal de que o dia ia ser quente.

Manhã de neblina,
Sol que rechina!

Ouvia eu dizer, de tamanhino, à gente da aldeia. E assim foi!

Para nós próprios prepararáramos, na noite da chegada, uma

Caminha: — Praça Conselheiro Silva Tôrres. Barcelos: — A importante Feira Semanal. Valença do Minho: — Ponte Internacional

deliciosa surprêsa: uma parte do nosso passeio ia ser feita em carro de cavalos.

As pilecas arrancaram. Estávamos agora, prêsos de uma infantil ansiedade, a caminho do trecho inédito da nossa jornada — aquêle de que haveríamos de guardar uma impressão sempre viva, inolvidável.

Como a hora matutina a que o avistámos não consentia numa visita ao célebre e lindíssimo Palácio da Brejoeira, que foi solar de rica família hoje desaparecida — fizemos apenas uma ligeira pausa para lhe apreciar os contornos e radicar em nós a vontade de ir lá vê-lo um dia, ainda que expressamente.

E começamos a embrenhar-nos na serra, em direcção aos Arcos de Valdevez, tendo por ponto culminante o alto do Extremo. Ao considerar o espectáculo que nos oferecíamos a rodar carro, nos nossos dias, por uma estrada minhota, veio-me, sem querer, à idéia, aquela canção que o gramofone vulgarizou há muitos anos já e que começava:

Ayer te vi pasar
Con aires de bacan
En una «voituré» copera...

Viana do Castelo: — Trajo popular.
Trecho de paisagem, em Famalicão.

O sol descobrira e, quando atingimos, deslumbrados, aquele elevado ponto, não pudemos deixar de parar. O gado precisava de descanço e alimento; nós, queríamos embebedar-nos de luz, ar e infinito! Depois de umas largas tarraçadas refrigerantes emborcadas na estalagem primitiva — como esta designação soa bem, a-pesar-de todos os defeitos, aos ouvidos daqueles que algum dia percorreram o país em «char-à-bancs» do correio ou até por boleias de carroças de carga!... — ficámos para ali, tempos esquecidos, primeiro a esquadrinhar os serros dos montes que se prolongam a perder de vista; depois, o olhar vago no espaço, esmagados pela magnitude do espectáculo prodigioso, a invadir-nos misteriosamente uma saüdade não sei de quê, saüdade de Ontem, saüdade já de Amanhã — aquela melancolia que o homem sente quando se encontra a sós com a Natureza...

Já apertava verdadeiramente o apetite quando entrámos de roldão, em ar de invasores, pelo hotelzito fresco e limpo dos Arcos, vilazinha que constitui, a meu ver, com o rio, a ponte, o casario e a paisagem a que não falta, na distância, a vetustez do velho castelo mourisco — um dos quadrinhos mais adoráveis e mais pitorescos de tôda a bucólica região limiana — aquela que Diogo Bernardes, Feijó e tantos outros, cantaram e enalteceram.

Aqui, dissemos adeus à traquitana, aos cavalicoques e ao prestimoso condutor, que nos permitiram reviver uma época que não volta, apagada — nem sempre com vantagem — pela máquina veloz.

*

Dos Arcos à Barca e a Ponte do Lima, em automóvel, é uma espécie de vôo que fazemos extasiados, como que por mirífica estrada, numa verdadeira região de sonho, nada e criada para o mais belo dos turismos. De Ponte não falarei. Foi na fímbria do seu manto de princesa que eu nasci... e está dito tudo. ¿Quem há aí que não queira, em extremos, à terra, feia que seja ela, em que nasceu? A minha dor é não poder lá viver, com a filharada a brincar nos mesmos sítios onde brinquei, a ver lavrar aquelas leiras, a percorrer, em cavalgadas loucas, as umbrosas veredas que as patas da égua, e as minhas costas também, ajudaram a calcar.

Por isso, não podia ser mais doce nem mais amigo o olhar que do lado de lá da ponte romana (bàrbaramente mutilada) lancei à «vila» e ao rio — o «Letes» que havíamos de acompanhar vagarosamente, saboreadamente, até Viana.

Numa hecatombe de oiro, a tarde esmorecia. Todo o poente, sôbre o mar, era um espectáculo fantástico, que diríamos irreal se o víssemos trasladado à tela dum pintor.

Sob esta impressão deliciosa e saüdosista nos despedimos verdadeiramente do Minho, encafuando-nos no combóio que pela noite fora, monòtonamente, havia de transportar-nos ao Pôrto, onde estacou, ofegante, num grande ruído de ferros e de silvos...

Fotos de Alvão, Beleza e Mário Novaes

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

Pormenor da fachada — e um recanto da copa

SÃO do maior valor para o turismo nacional as pousadas que o Ministério das Obras Públicas construíu e o S. P. N. está inaugurando em vários pontos do País.

Além da função de hospedagem, tem outra mais importante: a de poderem servir de padrão, de figurino, de modêlo das instalações hoteleiras cuja construção mais convém estimular.

É preciso fugir da monotonia dos hoteis em série, com os mesmos móveis e com os mesmos bifes!

Num país tão rico de aspectos diversos, como o nosso, deve cada hotel, cada albergue, cada pousada ter a sua originalidade, as características próprias da região que vai servir, tanto na sua arquitectura, no seu aspecto externo, como no seu mobiliário, nas louças, nos trajos dos seus criados, nos doces, nos petiscos, nos vinhos, nos diversos produtos que dão fama à terra, à cidade, à província a que pertencem.

A Pousada de Santa Luzia, *ùltimamente inaugurada em Elvas, é um exemplo.*

O bom gôsto dos seus decoradores conseguiu dar, só com motivos e elementos regionais, os belos interiores que as nossas fotografias deixam antever.

Sem luxos escusados, sem complicadas decorações, sem custosos mobiliários, esta pousada *bem portuguesa, bem alentejana, dá-nos logo à primeira vista uma sensação de confôrto, de bem-estar, de calma satisfação que o mais opulento* Palace *dificilmente nos daria.*

Na Pousada de Santa Luzia *tudo o que era regional se aproveitou*

POUSADA DE SANTA LUZIA — ELVAS

Fotos de H. Novaes

Arquitectura sóbria, de inspiração regional

para o seu recheio e decoração: as mantas de Reguengos, os bonecos de barro de Estremoz, as graciosas mobílias alentejanas, as louças, as pinturas ingénuas...

Os cinco quartos — um dêles com casa de banho privativa — a casa de jantar alegre e confortável, o páteo interior ajardinado, lembrando um cláustro, o cantinho junto do fogão, todo o conjunto convida a um aprazível fim-de-semana, a um repouso agradável, num ambiente calmo, familiar — e português.

AUGUSTO CUNHA.

A sala de jantar — e um pequeno átrio

A Arte dos Negros
DE PORTUGAL

por Diogo de Macedo

Banco de soba. (Angola)

FALAR da *Arte Africana* é também falar um pouco de Portugal. Todos os sábios estrangeiros — sim! porque os críticos desta arte *bárbara* precisam de ser sábios para a compreenderem! — são unânimes em nos dar certa primazia no seu estímulo e mesmo alguma inovação profissional, para seu desenvolvimento. As próprias missões religiosas têm tido a grandeza de coração, o respeito pelos dotes plásticos dos negros, de não se imiscuirem nas concepções elementares e particularíssimas da sua arte, do seu gôsto, da sua interpretação caricatural ou realista, ou mesmo de fantasiosos simbolismos terroríficos ou benéficos dos elementos, dos espíritos — da água, do sol, do amor, da vida criadora. É certo que a cultura dos brancos que procura educar aqueles inocentes indígenas pela fé e pelos costumes civilizados, a par dêsse respeito por uma tradição e por uma virtude plástica próprias das raças sob o seu domínio, também a pouco e pouco lhe tem levado novas inspirações e temas para aperfeiçoamento dessa arte — se aperfeiçoamento pode chamar-se é europeização das formas; mas essa intromissão estranha, se em alguns casos tem sido prejudicial, na maioria dêles só tem aumentado o poder imaginativo e, digamos, místico, daqueles escultores por graça de Deus, como quaisquer outros de mais felizes lugares na terra.

Bebendo vinho de palma — Cêna popular. Dança ritual de adoração.
(Esculturas dos bijagós)

Numa exposição realizada há anos em Lisboa, entre mais de seiscentas peças esculturadas por negros das nossas colónias africanas, viram-se algumas imagens de Cristo, da Virgem, de Santo António, etc., em pedra, ferro, marfim e madeira, que assimilando a arte dos católicos europeus, guardavam contudo as características técnicas e ingénuas dos manipanços, dos ídolos e das composições realistas da *arte negra, indígena, colonial, africana*, ou lá como se lhe queira chamar, desde que respeitem a verdade original dessa exótica e admirável criação, tão variada e tão gostosa como a arte doutros povos independentes na visão e na concepção, de lugares da América do Sul e até da Ásia e da Europa.

É necessário amar a arte, a imaginação pela imaginação, a originalidade pela originalidade, e da beleza plástica ter uma larga, anti-convencional e humana receptibilidade, para poder compreender e admirar essas artes exóticas de artistas incultos, instintivas, mas excessivamente expressivas, fantasistas e decorativas — como qualquer outra arte popular com riqueza de privilégios sempre amorosos, que pelo mundo além hoje tanto se exaltam e auxiliam, com a superioridade dos eruditos e afinados artistas na perfeição, em reconhecer na graça e no sentimento do povo, a fonte inicial de tôdas as virtudes artísticas. Quem da arte tiver apenas a observação dos dogmas, dos vícios, das rotinas e da vulgaridade maior ou menor, de génio ou de repetição por sistema de princípios, não poderá olhar uma escultura africana ou mexicana—como a primitiva grega ou egípcia—um desenho de caverna ou uma pintura de criança, sem sorrir com inferioridade, sem lhes chamar *caricaturas,* sem quedar insensível aos misteriosos segredos dessa espontânea criação — raíz para futuras obras de génio. E caïrá no ridículo estado de mumificação assustadora e incapaz, que nem aqueles povos negros teriam, pois que perante qualquer objecto de beleza, seja ela de que terra fôr, antigo ou moderno, vibram e são capazes de o adorar, como nós outros, segundo disse o Padre António Vieira.

A arte das nossas colónias, da Guiné, de Angola ou de Moçambique, a-fora aquela hoje explorada em industrialização para negócios de brancos e por estes ultrajada com repulsa dos negros que escondem a sua mais antiga, essa arte, repito, é das mais variadas e complexas, que existem: objectiva aqui, fantasiosa além; decorativa na representação dos animais, com um sentido de síntese espantoso; naturalista quando descreve costumes ou tipos na figuração; simbólica quando exprime sentimentos íntimos de tríbu ou crendices de particular interpretação da realidade do amor e da vida; idolátrica para uso de feitiçarias ou religiões; terrível nas fatalidades de esconjuro ou perigos de doença; e heróica, lírica, amorável ou simplesmente formal, quando o instinto plástico dos negros aproveita os capri-

Máscara de bailarino. (Angola).

chos naturais dos troncos de madeira para lhes acentuar formas que a sua imaginação descobriu.

A série de máscaras para bailarinos e feiticeiros que em cada uma dessas terras os escultores inventam, colorindo-as, completando-as com esquisitices de metais, vidros, contas, ráfia, cordas entrançadas, volumes de lama, etc., só por si formariam preciosa galeria de original invenção. Algumas, como em civilização remotas,, têm expressão simbólica, de animais cornúpetos, de feras, de aves, quanto não são mixto de formas humanas com apêndices animais. Descobre-se muitas vezes nessa escultura gentílica, remeniscências de culturas muito antigas, egípcias, árabes, orientais, que as invasões e o nomadismo dêsses povos ali levou e os negros assimilaram, formando tipo que quedou na tradição. Outras vezes fomos nós, os portugueses de antanho, idos de cá com novidades de tentação ou regressando de lugares do Oriente, que lhes levámos essas lembranças, algumas ciências e a sugestão de inéditos gôstos, que deslumbraram e convenceram os povos negros. É o caso das máscaras de guerreiros, em bronze, do Benim, cujas fundições em areia lhes ensinámos, utilidade de capacetes lhes mostramos, beleza nova lhes incutimos no espírito. É o caso das armas trabalhadas; dos animais domésticos gravados em ferro ou zinco ou cobre, como as mais belas peças indianas. É o caso dos marfins esculpidos em gostosos relêvos católicos, ou figuras com os nossos trajos e tipos, numa composição que lembra o *Manuelino*, obras estas que estimulámos os congoleses a executar, servindo umas e outras esculturas para adorno e utilidade de régulos, casas de princepes ou lugares onde deixámos padrões de Descobridores. E é ainda o caso de esculturas em barro, raras nos povos negros, ou talhadas em xistos, com relevos onde geralmente o culto da maternidade é memorado.

Por isto eu, que tive quási paixão por tôda essa arte, um respeito que procurei incutir nos meus patrícios que quando muito a aceitavam por curiosidade, que procurei compreendê-la — nunca penetrar-lhe certos mistérios religiosos ou sociais — e divulgá-la em revistas, livros e exposições, repito que ao falar-se dela é também falar um pouco — e com orgulho — de Portugal.

Quadro de funções rituais (Congo)

Máscara de feiticeiro (Angola)

Dois manipanços e um ídolo (Angola)

A arte dos negros — nunca *negra*, como lhe chamaram os franceses — deve para honra nossa de descobridores e colonizadores, ser incluída nos *á coté* da nossa história de arte. Não é nossa de origem, mas por nós foi estimulada e até em parte aperfeiçoada. Os bustos de deusas ou de indígenas do Ifé são documentos vivos e belos dessa acção, como algumas outras esculturas de terras hoje pertencentes a estranhos, mas que estes confessam possuirem lembranças da cultura portuguesa.

Nesta revista de propaganda nacional, de turismo e de revelação aos portugueses das obras de gôsto, naturais ou de mãos portuguesas, creio ficar bem esta exaltação pela arte das nossas colónias em África, porque na realidade a obra daqueles negros, que são portugueses, também pode ser considerada portuguesa, embora a pretenção infeliz de certos colonizadores e certos artistas de mesquinha compreensão da arte humana, a tome por produto inferior em relação à arte sublime doutros povos. Arte africana, arte asiática, arte europeia, são artes irmãmente, mais ricas ou mais pobres, mais vivas ou mais cançadas, que por todos devem ser defendidas, compreendidas e amadas. A dos negros — juro — tem ainda virtudes virgens, que as outras irremediàvelmente lastimam haver perdido. Admirêmo-las, pois.

¿Quando se organizará em Portugal o primeiro Museu de Arte das nossas Colónias? É que já vai sendo tarde e muita dessa escultura pertence já a museus estrangeiros, que antes de nós souberam reünir e compôr essas galerias de história e de arte. Seria expressivo padrão da nossa aventura e da nossa missão no passado, êsse Museu que reclamamos.

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

FALANDO-SE, neste número de **CAMPISMO** — desporto que fez a sua aparição na Europa no princípio dêste século — é oportuno recordar o que se tem feito, entre nós, para o seu incremento, sobretudo nos últimos anos.

O Govêrno português, reconhecendo as grandes vantagens da vida ao ar livre, quando criou a **Mocidade Portuguesa** dedicou especial atenção à prática do **CAMPISMO**, que já hoje conta, entre os filiados daquele organismo, centenas de apaixonados adeptos.

Em 1941, graças à boa vontade de alguns entusiastas, criou-se o **CLUB NACIONAL DE CAMPISMO**. É verdadeiramente notável o que a sua Comissão Organizadora tem feito, em tão breve espaço de tempo: — Reformou o velho material, criou novos modelos de tendas (leves e portáteis) lançou o saco de campismo com armação, introduziu o uso do saco de dormir, e com tão bons resultados que ràpidamente todos os campistas assimilaram estas inovações. Hoje, mercê do esfôrço dêste Club, reduziu-se a metade o pêso que o campista normalmente transporta para os seus passeios.

Na **1.ª Exposição Portuguesa de Campismo**, realizada no Ateneu Comercial de Lisboa — de 1 a 8 de Abril do corrente ano — demonstrou como o magnífico desporto é fàcilmente praticável entre nós, pois tôda a aparelhagem exposta foi construída com material exclusivamente nacional.

Em Setembro de 1941 organizou um grande acampamento de fecho de época, onde se reuniram, pela primeira vez, cêrca de uma centena de tendas, das mais variadas dimensões e feitios.

Promoveu, no mesmo ano, uma série de palestras técnicas, destinadas a aperfeiçoar os conhecimentos dos campistas e, para melhor estreitar a camaradagem entre êles, levou a efeito numerosos passeios fim-de-semana.

Na época que vai iniciar-se, o **CLUB NACIONAL DE CAMPISMO** (que tem sede provisória na Rua da Palma, 116, 1.º, em Lisboa) dedicar-se-à à propaganda turística e campista do nosso país. Projecta, para isso, a publicação dum "Guia Campista de Portugal" e a edição de alguns livros sôbre técnica campista — continuando, também, a organizar regularmente os seus acampamentos de fim-de-semana.

ROTEIRO CAMPISTA DE PORTUGAL

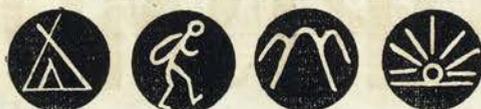
SINAIS CONVENCIONAIS

Acampamento	Aberto	Guardado	
Natureza do terreno	Relva	Arenoso	Arborizado
Localização	Junto ao mar	Margem de rio	Montanha
Acesso e distância	Caminho de ferro	Estrada	A pé

Água	de fonte	de poço	só para serviço
Abastecimentos	de víveres		
Atractivos especiais	Pesca	Panoramas	Monumentos
	Alpinismo	Golf	Piscina

ALGUNS LOCAIS PITORESCOS PRÓPRIOS PARA CAMPISMO

AMARANTE

Alto da Lomba, a 2 km. da freguesia da Lomba.

AMARANTE

Lameiras, freguesia de Anciães, Serra do Marão, a 25 km. de Amarante (pela E. N. para Vila Real) junto à Pousada de S. Gonçalo do S. P. N.

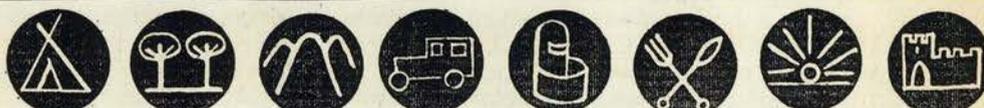
AMARANTE

Nas margens do Rio Tâmega.

AVEIRO

Costa Nova do Prado, a 12 km. de Aveiro.

BRAGA

Bom Jesus do Monte, a 6 km. de Braga.

LUSO-BUÇACO

Junto às Portas do Sul da Mata do Buçaco, a 4 km. de Luso.

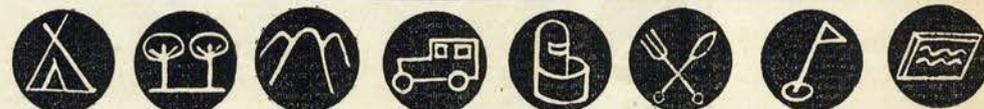
CALDAS DAS TAIPAS

Margens do Rio Ave, a 8 km. de Guimarãis, na estrada para Braga.

CALDAS DE VIZELA

Ponte Nova, a 6 km. de Guimarãis, na estrada de Felgueiras.

CANAS DE SENHORIM

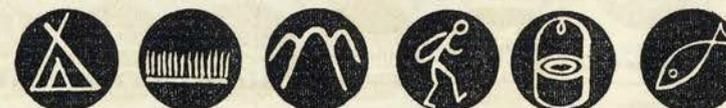
Urgeiriça, no Parque Hotel.

TRAFARIA

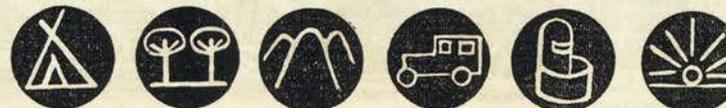
Caparica, na mata da F. N. A. T.

CASCAIS

Parque da Marinha, a 5 km. de Cascais.

CASTELO DE VIDE

Póvoa e Meadas, junto à barragem do Rio Niza.

COIMBRA

Vale de Canas, a 8 km. de Coimbra.

COVILHÃ

Nave de Santo António, na Serra da Estrêla, a 14 km. da Covilhã.

ERICEIRA

São Julião, na foz do Rio da Carvoeira, a 5 km. da Ericeira.

FIGUEIRA DA FOZ

Terrenos juntos às lagoas de Quiaios, a 8 km. da cidade.

FIGUEIRA DA FOZ

Tojal. nas dunas da Costa de Lavos, a 5 km. da cidade.

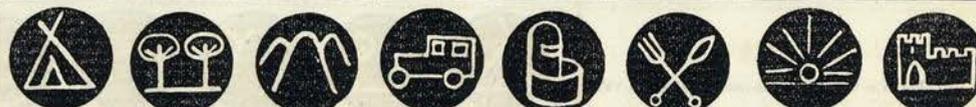
FIGUEIRA DA FOZ

Serra da Boa-Viagem, na Mata, a 6 km. da cidade.

CALDAS DA RAINHA

Foz do Arelho, junto à Lagoa de Óbidos, a 12 km. das Caldas.

GUIMARÃIS

Local da Penha, a 7 km. de Guimarãis.

LOUSÃ

Santo António da Neve, na Serra da Lousã, a 20 km. da Lousã.

MANTEIGAS

Penhas Douradas, na Serra da Estrêla, junto à Pousada de São Lourenço, do S. P. N.

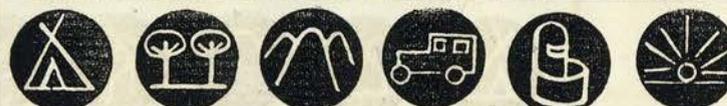
MOLÊDO DO MINHO

Mata do Camarído, a 0,6 km. de Molêdo.

PEDRAS SALGADAS

Parque das Termas.

PORTALEGRE

Quinta da Saúde, em Marrada Alta, na Serra de São Mamede, a 720 m. de altitude e a 4,5 km. da cidade.

PORTIMÃO

Zona da Praia da Rocha, a 4 km. de Portimão.

PRAIA DAS MAÇÃS

Junto à Ponte do Rodízio, a 2 km. da praia,

SANTO TIRSO

Margens do Rio Ave.

SÃO MARTINHO DO PÔRTO

Nas dunas.

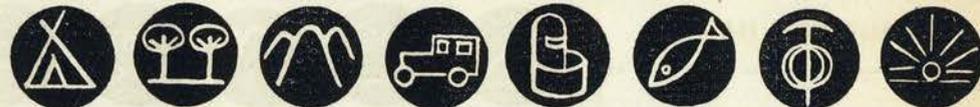
SÃO PEDRO DE MUEL

Pinhal de Leiria, a 10 km. da Marinha Grande.

SÃO PEDRO DO SUL

Margens do Rio Vouga.

SEIA

Senhora do Destêrro, na Serra da Estrêla, a 4 km. de São Romão.

SETÚBAL

Arrábida, no Portinho ou Alportuche.

SINTRA

Capuchos, na Serra de Sintra, a 8 km. da Vila.

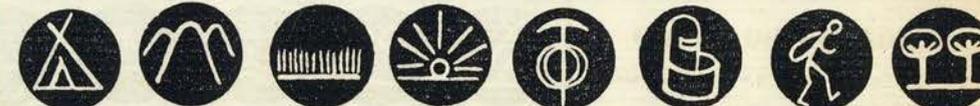
SINTRA

Lagoa Azul, em Linhó, a 7 km. de Sintra e a 12 km. do Estoril.

TERMAS DO GEREZ

Albergaria, na Serra do Gerez.

TERMAS DO GEREZ

Chã de Lamas, na Serra do Gerez.

TERMAS DO GEREZ

Parque termal.

TERMAS DO GEREZ

Pedra Bela, na Serra do Gerez.

TOMAR

Margens do Rio Nabão.

TOMAR

Mata nacional dos Sete Montes, na antiga cêrca do Convento de Cristo.

VALENÇA DO MINHO

Praia da Senhora da Cabeça, a 1,5 km. de Valença.

VIANA DO CASTELO

Praia do Cabedêlo, a 3,5 km. da cidade.

VIANA DO CASTELO

Monte de Santa Luzia, a 4 km. da cidade.

VIDAGO

Parque das Termas.

VIEIRA DE LEIRIA

Tercenas do Liz.

VILA NOVA DE MILFONTES

Junto ao estuário do Rio Mira.

VISEU

Parque do Fontêlo.

PRAIA DE MONTE GORDO

Pinhal, a 1,5 km. da praia.

DECÁLOGO DO CAMPISMO

1.º

Escôlha, de preferência, o seu acampamento em local recomendado. Não se esqueça nunca de pedir autorização para acampar, informando-se se é necessário satisfazer qualquer importância, como taxa de campismo.

2.º

Organize o seu programa e horário de forma a estabelecer o acampamento com — pelo menos — 2 horas de sol.
Evite os terrenos úmidos ou demasiadamente sombreados: o ar sêco e os raios de sol são as duas principais matérias primas da saúde.
Se o tempo ameaça chuva ou trovoada, não implante a tenda debaixo de árvores: lembre-se que as fôlhas são outros tantos algerozes a despejar água, mesmo quando já não chove.
Oriente a entrada da tenda para o Nascente. — É raro haver vento daquele quadrante e, além disso, tem o Senhor Sol a bater-lhe à porta logo de manhã.
Deite-se cêdo e levante-se cêdo. Dorme exactamente o mesmo número de horas do que deitando-se e levantando-se tarde.

3.º

A tenda que fique esticada, sobretudo se há vento; mas, de noite, é conveniente afrouxar um pouco os esticadores, para que o encolhimento, devido à umidade, não arranque estacas.
Se chover, evite tocar na tenda pelo lado de dentro — a melhor impermeabilidade não resiste à fricção.
Coma pouco e coisas simples. — Evite cozinhados complicados e não exagere a ingestão de conservas. Aproveite o campismo para fazer dieta. — É mais cómodo e mais higiénico.

4.º

Não acenda fogueiras em locais onde tal é proibido ou onde lhe pareça perigoso. Se o fizer, rodeie-se de todos os cuidados para que não possa provocar incêndios; e previna-se com os meios para evitar o alastramento, se êle viesse a pegar... Água, areia e ramos verdes são os meios mais simples para combater um incêndio que principia. Nunca abandone o acampamento, deixando lume acêso.

5.º

Evite espalhar o lixo. Se o acampamento fôr de curta duração leve cartuchos de papel forte nos quais se deposita o lixo, restos de comida, cascas, etc., queimando tudo ao abandonar o acampamento. Para acampamentos mais prolongados, faça uma cova onde se deite o lixo, mantendo-a sempre tapada com terra. Lembre-se de que o lixo é o chamariz das moscas, formigas, ratos e cobras.

6.º

Nem em todos os locais há instalações sanitárias. Quando seja necessário improvisá-las, todo o cuidado é pouco no que respeita a higiene e discreção. Os despejos de águas de lavagem devem fazer-se em local próprio, longe do acampamento, para dentro de covas e nunca de rios ou poços.

7.º

Se fôr a pé, prefira os atalhos, evitando atravessar terrenos cultivados. Nunca deixe de fechar cancelas ou portões de quintas, para evitar tresmalhar gado ou criação. Abstenha-se de colher flores ou frutos sem autorização.

8.º

Ser campista não é ser selvagem... embora às vezes pareça. Respeite a propriedade privada e os habitantes locais. Sofra com paciência a curiosidade inata dos «mirones», os quais, uma vez satisfeita a curiosidade, vos deixarão em paz. Corresponder aos «bons dias», «boas tardes» e «boas noites» não custa nada e sabe bem.

9.º

Remunerai sempre os serviços que vos prestem as pessoas de condição humilde e agradecei àqueles que vos fôrem prestados pelos vossos iguais. Se tirardes uma fotografia a uma pessoa, por muito humilde que seja, informai-vos da sua morada e enviai-lha logo que puderdes.

10.º

Sêde, acima de tudo, *prudentes* e *gentis* e, ao abandonar o local, ide só quando tiverdes a certeza de que êle ficou nas condições em que gostaríeis de o encontrar se acabasseis de chegar. Lembrai-vos do outro campista que vem e dos habitantes locais que o olharão com tanto mais confiança e simpatia quanto menos razão de queixa tiverem de vós.

(Apontamentos amàvelmente fornecidos pelo Ex.mo Sr. João M. Simões, de Tomar).

SETIMA JORNADA

Na «estrada do vinho», o rio Douro tem papel importante como via de transporte dos vinhos expedidos das quintas de Riba Corgo, que, nos típicos barcos rabelos, descem as águas mansas para a Cidade do Pôrto.

Quem, ao arrepiar da corrente, num dêsses mesmos barcos, subir até Barqueiros ou até à Régua, terá feito um impressionante passeio, que jàmais se apagará da retina. Mas esta solução não é fácil; pelo menos não é cómoda e acessível a todos, por isso preferimos referir a volta pela estrada, também admirável, que do Pôrto sai para Amarante, segue a Vila Real e vem na Régua atravessar o rio em direcção a Lamego.

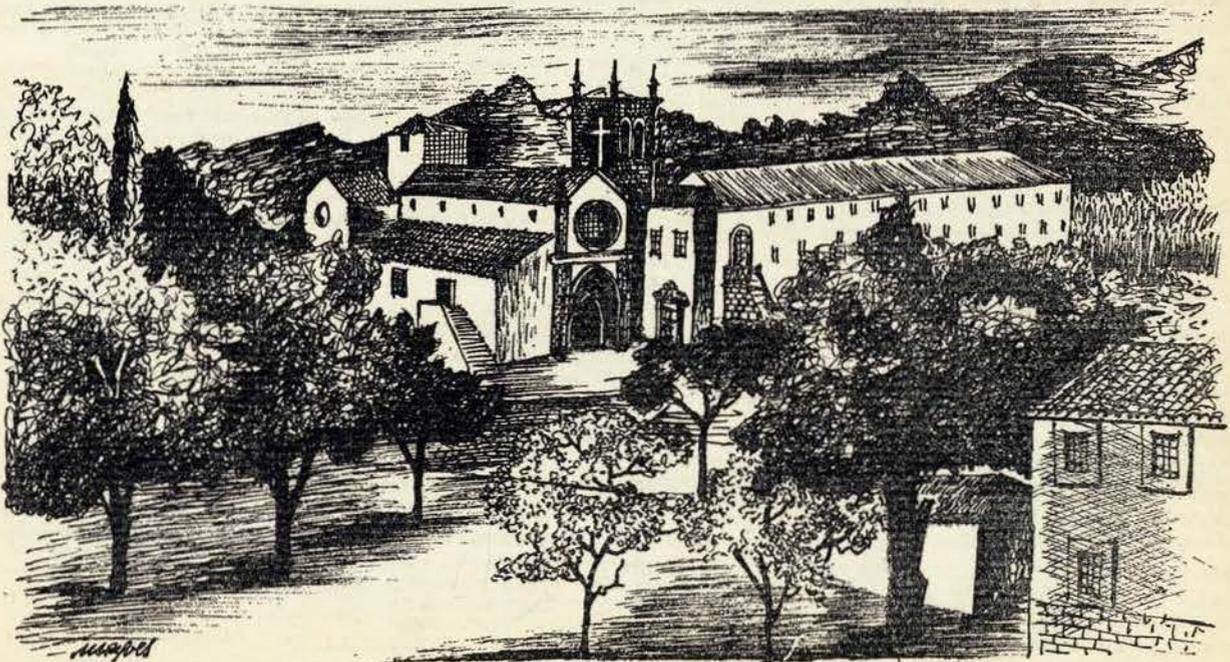
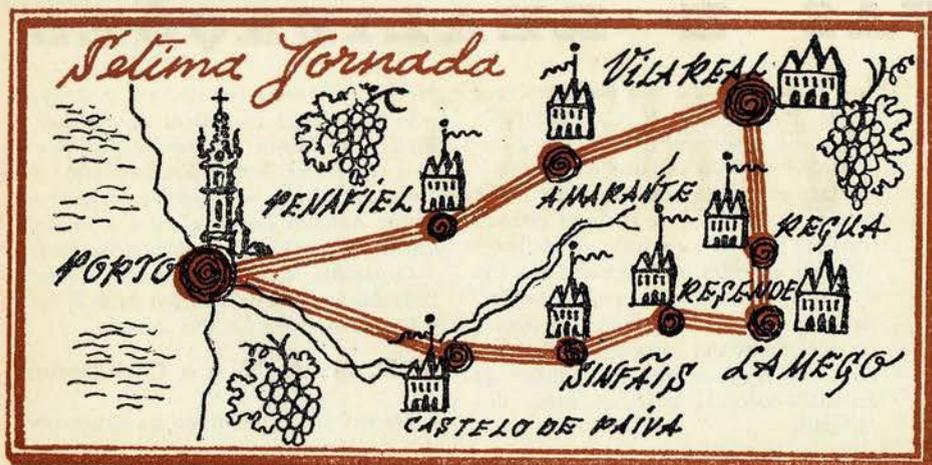
Êste circuito, que folgadamente se faz num dia de automóvel, desenvolve-se na Região dos Vinhos Verdes, numa das suas sub-regiões vinícolas, cortando no extremo da curva, a leste, parte da Região do Douro, igualmente demarcada.

Deixa-se a Cidade nortenha para entrar nos domínios do vinho verde. A sua presença revela-se nas ramadas e parreiras que ensombram os caminhos ou delimitam as terras de cultura, em boa associação com o milho. Nesta zona não é usual a vinha de «enforcado», mas tôda ela é alta, o que dá um ambiente rico de fertilidade, à paìsagem que se aninha, alegre e risonha, muito viçosa, à nossa volta. As «uveiras», êsse adorável casamento da videira com a árvore que lhe serve de tutor, são uma nota característica e única, que só no Minho se depara.

É dos panoramas mais amáveis que podem encontrar-se, de ar fresco, garrido, suave e ameno, em que a terra pujante se desentranha pròdigamente nos frutos preciosos, nas hortaliças incomparáveis, nos vinhos inconfundíveis. Traduzindo, numa expressão popular, tôda esta exuberante beleza agrícola, alguém disse que o Minho era «o jardim de Portugal»! — talvez, porque, nos jardins, o homem goza a doçura edénica dum ambiente de encanto, tal qual a impressão que se sente ao calcurriar as paragens minhotas:

«Mal te vi, amei-te logo,
O meu peito deu rebate;
Fôra duro o coração
Para ver-te e não amar-te.»

Aos lados da estrada começam a ver-se com freqüência lages de ardósia, que também aparece a desempenhar as funções de suporte nas ramadas e nas latadas — estamos chegando a Valongo, reclinada nas faldas da serra, olhando o «vale longo». Se aqui pararmos, também encontraremos uma farta variedade de biscoitos, que atestam o valor tradicional da indústria de panificação local.

Vem, depois, Penafiel, de maior porte e importância, que no seu jardim público dedicou uma recordação ao poeta do «Só», erigindo-lhe um busto de bronze. Quem por ali fôr no verão, poderá assistir às grandes festas do «Corpus Christi» e, no outono, deparará com as feiras de S. Martinho, onde a indústria regional expõe à venda as suas afamadas albardas, os arreios,

de ir ao encontro da descoberta dum segrêdo — o segrêdo do vinho do Pôrto.

Aquele que sentir a necessidade de parar, esmagado pela opulência magestosa do Marão, e recolher-se perante essa obra maravilhosa de Deus, perfeita antecâmara das serranias onde o homem cavou os geios que são bêrço do vinho do Pôrto, faça um alto na Pousada do Marão, adrede colocada para que, na Terra, a pobre gente comunique com o Céu.

Por uma estrada fantástica, chega-se a Vila Real, a que os forais outorgados por D. Afonso III, D. Deniz — que a doou à Rainha Santa — e D. Manuel I dão importância e antiguidade.

as preciosas candeias de ferro, de que tantas se exportaram para o Brasil quando o petróleo ainda não iniciara a sua idade.

Desta terra operosa, o pé delicado da senhora turista poderá trazer a tamanquinha de verniz, pespontada a retroz de côres, elegante e atrevida...

Lá no alto, à ilharga dominante, avista-se o Santuário da Piedade, miradoiro admirável sôbre os horizontes circundantes.

À chegada a Amarante, uma idéia certamente surgirá: o almôço. Sim, um almôço minhoto, iniciado pelo célebre caldo verde com a broa de milho esfarelada, as afamadas trutas fritas, a não menos afamada vitela assada no fôrno, de braço-dado com o imprescindível arroz de «trazer na algibeira», sôlto como só no norte o sabem fazer, e terminando pelas «lérias», as saborosíssimas «lérias» de Amarante. E tudo isto especialmente regado com aquele vinho branco, leve, suave de aroma na sua côr delicada de palha, meio têrmo entre o «verde» extreme e o maduro que, a S. Gonçalo, disputa a glória de atrair forasteiros ao velho burgo e de propagandear os encantos da terra por todo o País.

Não será difícil encontrar êste lauto festim servido em sítio donde se lobrigue, para gôzo do espírito — enquanto o corpo se refastela — a paìsagem paradisíaca do Tâmega correndo tranqüilo e brilhante por entre margens de vegetação luxuriante...

Foi, parece, Amaranto, um romano de bom gôsto, quem escolheu o local e fundou a povoação que, agradecida, lhe conserva o nome. É, velha, portanto, a linda vila de Amarante — e para ela vão as preces e os anseios das lavradeiras casadoiras, por causa dos favores do seu santo padroeiro, que na capela, por êle fundada, á beira do rio, tem a sua jazida no sarcófago de granito ornamentado duma tosca estátua evocadora.

Quantos não dariam por terminado aqui o seu passeio, em homenagem a Epicuro?! — Mas há que prosseguir. Um espectáculo muito sério se prepara para nos colocar perante os aspectos graves da natureza: a travessia do Marão, em direitura a Vila Real.

Já se não vêem os jugos floridos que celebrizaram as juntas de bois minhotas: nas estradas e caminhos, os carros de rodado baixo, são puchados pelas monelhas de couro, semelhantes às usadas no Douro e que dão certo ar cómico e circunspecto aos pacientes bois pela parecença com o chapéu de côco burguês.

Entramos numa zona de transição, nìtidamente marcada pela serra austera e grandiosa, autêntica barreira, que justifica o rifão popular: «Para cá do Marão, mandam os que cá estão».

É por estas alturas, também, que se atravessa a fronteira da região dos vinhos verdes, para a região do vinho do Douro.

O cenário é o mais próprio a preparar o viandante a entrar nos domínios do grande vinho generoso porque, quem se encaminha para essas paragens de mistério, fá-lo com a impressão

Alcandorada numa eminência, que os rios Corgo e Cabril recortam, contempla horizontes amplos, cujos limites se desenham na linda cumieira das altas montanhas vizinhas.

O casario de cunho típico, sombrio e severo, no seu granito cinzento, abre as suas janelas de ângulo, varandins encanastrados e mais rótulas discretas, sôbre as ruas onde se movimenta uma população pardacenta de rijos trabalhadores, verdadeiros gigantes das montanhas no ânimo viril com que arrancam à terra dura o sustento no cultivo penoso.

S. Domingos é ali venerado numa curiosa Igreja gótica do século XV, e Diogo Cão, o velho navegador, dali partiu para as suas façanhas atlânticas — o solar dos Marquezes de Vila Real, de traça manuelina, dá tom senhoril ao campo do Tablado. É notável o panorama que o Terreiro do Calvário se enxerga sôbre o vale do Corgo, onde as águas tumultuosas se despenham cachoantes em várias quebradas.

Terra e gente sem par, a sua cozinha suculenta, dispõe uma gama riquíssima de produtos de porco: os salpicões, as murcelas, os presuntos, os rijões, as alheiras... a horta fornecerá grelos como em lugar algum do mundo. Para acompanhar estes fortes manjares, castigadores do paladar, recorra-se ao vinho de pasto da região, êsse forte vinho trasmontano, macio, com aroma, sêco e alcoólico, que alguns chamam «vinho dos mortos», porque, segundo o costume tradicional foi a enterrar nas garrafas para envelhecer mais ràpidamente.

Na Régua encontra-se, em seguida, o mais importante entreposto do vinho do Douro que, rio abaixo, é mandado nos barcos rabelos para os armazéns do Pôrto.

No cais da margem direita, onde se chega vindo de Vila Real, a cascaria é carregada para seguir viagem. Para ali vem do Pinhão, de Riba Corgo, das quintas cavadas, pelo «rompimento» heróico, nos flancos das montanhas.

Aqui se atravessa o rio em demanda de Lamego, donde, por Rezende, Sinfãis e Castelo de Paiva, pela estrada alucinante que se debruça sôbre o vale profundo, se volta ao Pôrto, cortando Entre-os-Rios, de aspecto repousante e suave.

Entre Lamego e Rezende, sai-se da região do Douro para entrar novamente na Região dos Vinhos Verdes, cujas características se acentuam à medida que nos aproximamos da capital nortenha.

Emocionante jornada, esta, que, se tiver lugar na altura das vindimas, ganhará muito pelo concurso animado que os ranchos alegres das vindimeiras e a faina das vinhas emprestarão aos campos, tirando-lhes um pouco o dramatismo de certas passagens.

ANTÓNIO BATALHA REIS

(Desenhos de Bernardo Marques)

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Postais de Turismo

Há uma norma a fixar, de uma vez por tôdas, por quem tem a seu cargo a divulgação das belezas e atractivos das nossas estâncias de turismo: é que MUITO PIOR DO QUE A FALTA DE PROPAGANDA É A PROPAGANDA MAL FEITA! Exemplo bem frizante é êste dos chamados «postais de turismo». ¿Será exagêro afirmar-se que noventa por cento dos referidos postais são, verdadeiramente, *anti-turísticos?* É vê-los! — Não há beleza arquitectónica, preciosidade monumental, interêsse etnográfico ou encanto paìsagístico que resistam à má (quando não à péssima) qualidade da fotografia, do enquadramento, da gravura, da impressão, da cartolina e do arranjo gráfico. Um autêntico desastre em vários actos, com um prólogo infelicíssimo, que é... a escôlha dos assuntos.

Ora, isto é mais grave do que parece. Um postal chega a tôda a parte, dá a volta ao mundo. Vai, entra e procura falar do seu lugar de origem: — «Eu sou um postal português, reproduzo um trecho de paìsagem (um monumento ou um tipo popular) de um belo país de turismo chamado Portugal...». ¿Mas com que linguagem? Língua de trapos, é a que fala a maioria, a grande maioria dêsses postais. As impressões que transmitem são negativas: — de pobreza, tristeza, fealdade, desordem, mau-gôsto...

¿Não se vê claramente que é indispensável e que urge acabar com esta vergonha?

Comecem as Comissões de Iniciativa por encarar o problema e procurar para êle a mais condigna solução.

É intuitivo que se impõe, antes de mais nada, a realização de exposições de fotografias, com vista a uma rigorosa selecção de provas (que foquem os aspectos mais característicos, mais pitorescos, mais belos e mais *turísticos* das regiões e das localidades) destinadas a *postais bem impressos, em cartolinas decentes, com dizeres sóbrios e caracteres de bom-gôsto.*

Para essas futuras edições — que deverão, a pouco e pouco, substituir as antigas — estão os Serviços de Turismo do S. P. N. na disposição de conceder, desde já, o seu apoio.

I Exposição de Arte Fotográfica de Tomar

Já estava composto o eco anterior, quando chegou à nossa redacção a seguinte notícia: — A Comissão Municipal de Turismo de Tomar está empenhada na organização de uma *Exposição de Fotografia*, para a qual pediu e obteve o patrocínio do S. P. N. e a colaboração técnica do *Grémio Português de Fotografia*. O referido certame efectuar-se-á, em Outubro dêste ano, no salão nobre da sede da Comissão de Turismo, estando previstos prémios a conferir aos melhores trabalhos expostos, seleccionados em três classes, a saber: a) *Monumentos e Paìsagens de Tomar e seu têrmo;* b) *tipos e cenas regionais;* c) *Arte pura (classe livre)*. Os regulamentos e condições da exposição-concurso serão em breve distribuídos.

PANORAMA regosija-se com esta iniciativa, e põe as suas páginas à disposição da Comissão de Turismo de Tomar para a publicação das fotografias premiadas.

«Conheça a sua Terra»

Promovidos pelo programa de divulgação turística e folclórica «Conheça a sua terra» — que continua a ser transmitido pela Emissora Nacional tôdas as sextas-feiras — realizaram-se, nas últimas semanas, os seguintes passeios e visitas culturais: — *À Estação Zootécnica Nacional* (na Fonte Boa), guiada pelo seu director, Dr. Nazaré Barbosa, e acompanhada pelo Presidente da Câmara Municipal de Santarém, Dr. António Basto; ao novo edifício da *Casa da Moeda*, acompanhada pelo seu administrador, tenente-coronel Cruz Azevedo; à *Igreja de São Roque* e *Museu de Arte Sacra*, explicada pelo historiador Gustavo de Matos Sequeira; ao *Museu Nacional de Arte Contemporânea*, orientada pelo seu conservador, pintor Romano Esteves; à *Assembléia Nacional*, na companhia do académico Sr. Joaquim Leitão e de outros funcionários superiores do mesmo organismo; ao *Observatório Meteorológico «Infante D. Luiz»*, explicada pelo seu director, o Prof. Herculano Amorim Ferreira; à *Igreja da Madre de Deus* (Xabregas), na companhia do director dos Museus Nacionais, Dr. João Couto; à *Exposição de Retratos de Personagens do Século XVII* (no Palácio da Independência) com Gustavo de Matos Sequeira; ao *Teatro Nacional de S. Carlos*, com o Dr. Jorge de Faria; ao *Lugre Bacalhoeiro «Crioula»*, onde fez uma palestra o jornalista Augusto Pinto; a *Merceana, Aldeia Galega, Riba Fria* e *Santa Quitéria de Meca*, orientada pelo Dr. Luciano Ribeiro; ao *Parque das Laranjeiras* (Jardim Zoológico), com o inspector Dr. Celestino Soares, e ao *Museu de Embarcações, de Henrique Seixas*, com o Sr. Manuel Lima. «Conheça a sua terra» promoveu, ainda, uma *Conferência-concêrto de Música Polifónica* (séculos XVI e XVII), pelo musicólogo Sr. Mário de Sampaio Ribeiro, no Museu das Janelas Verdes, e duas excursões fim-de-semana: uma à *Serra da Estrêla*, onde serviu de guia o pintor António Lopes, e outra a *Évora*, orientada por Gustavo de Matos Sequeira.

Organizou, como sempre, estas iniciativas dos Serviços de Turismo do S. P. N. a funcionária Sr.ª D. Eva Arruda.

A F. N. A. T. e o Campismo

De um artigo publicado no semanário *1.º de Maio* extraímos os seguintes períodos:

«No seu plano de educação física, a F. N. A. T. não pôs de parte o *campismo*. É evidente, porém, que não podemos fazer tudo dum dia para o outro, mesmo porque o aspecto material (se outras razões não houvesse) não o consentiria. Depois, há, nesta altura, por causa do conflito mundial, algumas dificuldades para lançar o *campismo* em larga escala, em organização da F. N. A. T., visando exclusivamente o trabalhador português. Pode ser que amanhã semelhante estado de coisas se modifique. E o trabalhador fará, então, *campismo* pelas mãos da F. N. A. T. Até lá, os trabalhadores que possam, só lucrarão fazendo regularmente *campismo*, fonte de saúde».

«Panorama» regista

★ O aparecimento da luxuosa e admirável revista *Atlântico* — orgão do intercâmbio cultural luso-brasileiro — de que são directores António Ferro e Lourival Fontes, e secretário de redacção José Osório de Oliveira.

★ A *1.ª Exposição Retrospectiva da obra de mestre Carlos Reis*, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

★ A interessante *Exposição de Colchas de Noivado* — bordados de Castelo Branco — no estúdio do S. P. N.

★ A publicação do 1.º número da magnífica revista de arte e literatura *Variante*, dirigida por António Pedro.

★ A publicação do utilíssimo guia *Hoteis e Pensões de Portugal* (8.º ano) referente a 1942.

«Panorama» anuncia

★ Um número especial consagrado às *Praias e Termas* do país, a aparecer em Agôsto.

★ Uma reportagem do *Pôrto de Lisboa*, em que serão focados pelo fotógrafo Horácio Novaes os notáveis melhoramentos ali introduzidos nos últimos anos.

Editorial Atica, Lda. — Capa e Fotolitografias: Litografia de Portugal. — Tricromia: Bertrand, Irmãos. — Gravuras: Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tip. E. N. P. — Rotogravuras: Neogravura, Lda.

MACEIRA-LIZ — A FUTURA CIDADE

(Conclusão da pág. 3)

são de orientar, educar, assistir, para aperfeiçoar almas e formar vontades conscientes.

A acção social desta emprêsa é modelar. Enumeraremos algumas das realizações que lhe dão grandiosidade: — uma «Casa do Pessoal» (Casa do Povo), com cinema e sala de leitura, um restaurante, uma cantina, um balneário, carreira de tiro, campos de jogos, uma capela para o culto católico, duas escolas primárias para os filhos dos operários, cuja freqüência é obrigatória, três bairros — um para empregados e dois para operários, num total de 131 moradias, absolutamente gratuitas, com água e luz. Um estabelecimento hospitalar, com 7 camas, e a que não falta Raios X, servido por dois médicos permanentes e enfermeiros, presta assistência gratuita aos operários e famílias. O pessoal beneficia de uma Caixa de Previdência.

Pensou-se já urbanizar uma área de 16 quilómetros quadrados mas, dadas as condições de vida do povo, quási todo pequeno proprietário, ainda com os benefícios rurais, que não quere perder, a execução de tal medida foi por ora posta de parte. A urbanização limita-se aos bairros da fábrica.

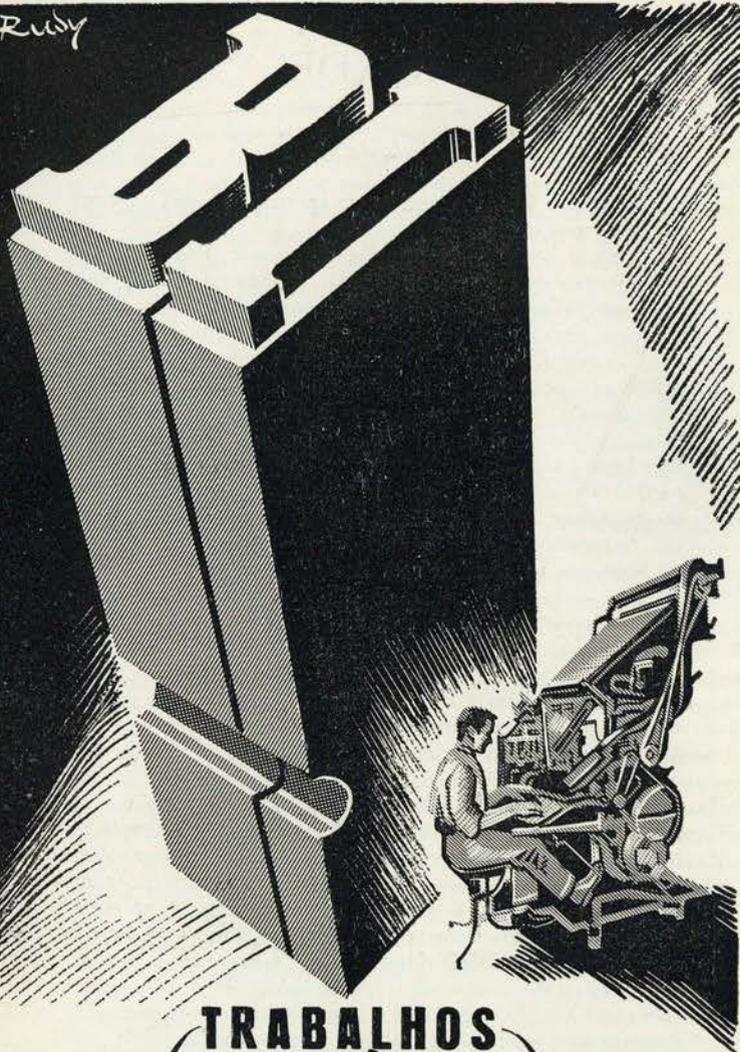
Deve considerar-se, para resolução do problema, que há ali duas classes de habitantes: os nativos, agricultores, e os vindos de outras terras, que apenas do salário que as fábricas lhes dão, tiram o pão de cada dia. Os interêsses duns e doutros chocam-se. É um problema delicado que só o tempo e por si mesmo se resolverá. As fábricas da Emprêsa «Liz» e da Emprêsa de Maceira, o antigo forninho de cal hidráulica que se desenvolveu e está a construir novas instalações, modernas e de maior rendimento, vão roubando à agricultura os braços de que necessita. A maior parte dos novos emprega-se nas fábricas. As terras, extremamente divididas, já não bastam à manutenção do lar. As famílias são numerosas — uma média de 6 filhos para cada casal. Os preços por que as duas emprêsas de cimento disputam a terra seduz os agricultores, que se desfazem dela, que vai perdendo a acção produtiva de cereais e legumes para se tornar, no entanto, mais útil ao interêsse nacional com a produção do cimento.

— Maceira ganhará com esta mudança?

A melhoria é incontestável. O aumento da população é crescente. O povo, que não gosta de emigrar, já não tem necessidade de o fazer. Hoje Maceira-Liz recebe, pelo contrário, para a sua indústria, gentes várias de terras várias.

Se outras razões não houvesse, bastava esta para justificar a gratidão e amizade que a fábrica conquistou aos habitantes; e há outras razões: o carinho desvanecedor com que a Emprêsa assiste, não só ao seu pessoal, mas às povoações em volta; o interêsse que a uma direcção inteligente merecem os problemas sociais; a alta compreensão que ditou um programa, em que o benefício espiritual acompanha o progresso material, na resolução cabal dos princípios que animam o Estado Novo Português.

Solar fidalgo,com a sua história, a sua tradição, a sua lenda, Maceira-Liz veste-se aqui dos ornatos da natureza, enfeita-se acolá de jóias artificiais, no cuidado de se *arranjar* para receber as visitas, de curiosos ou de interessados.

Barulhenta, buliçosa, com chaminés deitando fumo, reduzindo a cimento a pedra, enquanto constrói fábricas, planta árvores nas bermas de estradas novas, ajardina terrenos, edifica habitações, na faina de unir numa só povoação as povoações que a rodeiam. Maceira-Liz caminha para a imponência de uma cidade industrial, de que ora tem já os vislumbres, os alicerces.

ÉVORA-MONTE

(Conclusão da pág. 24)

A planície sem fim enruga-se de outeiros e vales, dominada desta ponte de comando, qual oceano que por sortilégio houvesse solidificado o inquieto ondular, a que nem faltam os brancos «carneiros» que o vento levanta. Ao longe, o penacho de fumo que se vai deslocando indica-nos o combóio que a resfolegar anima de sons o silêncio alentejano. Andando a tôda a roda dêste terraço, que parece desmoronar-se, com pedaços de paredes esboroadas, fendas enormes como fauces de monstro — monstro de beleza, que se vai desfazendo, em montões de entulho ervecido — chega-se quási a ter a sensação do irreal ou fantástico, gravura lunar dos livros de astronomia...

Chega a ser difícil deixar êste observatório de magia para descer de novo à contemplação do desolador desleixo, de conseqüências eversivas. Fere o decôro natural do bom-gôsto e constitui desrespeito pelo passado histórico e nobre que deve ser revivido dentro do espírito de resgate da nossa geração, que busca dia-a-dia reconstruir a sementeira de ruínas, que os liberais deixaram como obra nova.

Dificilmente se compreende por que não foi assinado aqui, mas sim numa modesta casa, o a-pesar-de tudo histórico documento, que mais celebrizou a terra, como o prova a usual lápide, numa incaracterística parede.

Teriam os vencedores mêdo de que as abóbadas desabassem com o ranger das penas e dos ódios? Seria já o desprêzo pela tradição, que os levou a trocar o legítimo ambiente requerido para tal acto, pela casa democrática de um liberal adrede escolhido? — Talvez esta última hipótese. Que a doença liberal já existiu por ali ou ficou, como mal contagioso, trazido por estranhos para dentro das portas da histórica cidadela, prova-o o renovado gesto «liberal» que levou os continuadores da idéia a destruir a picão a coroa que encimava o escudo nacional, num edifício público da Rua Direita. Mas tudo isto são pequenas misérias, que não chegam a ofuscar o pitoresco e a beleza locais.

O que urge é levar um pouco de reconstrução e de arranjo a todo aquêle amontoado de beleza em ruína, cujo estado e valor o merecem de sobejo.

Beneficiarão o Património nacional e a pobre gente de Évora-Monte que nas obras a fazer e depois de feitas poderão encontrar a possibilidade de ganhar o suficiente para um pequeno retoque nas suas casas e hortejos, transformando a pequena cidadela num dos recantos de maior beleza panorâmica e de real interêsse turístico de todo o Alentejo, se não de todo o País. A obra já feita pelo Ministério das Obras Públicas e o sentido de aproveitamento e valorização turística do S. P. N. são a garantia de que, dentro de poucos anos, o pequeno triângulo de Évora-Monte, emoldurado dentro da zona Évora-Estremoz-Elvas, será local obrigatório de visita.

Veremos então, à porta do Castelo, perfilado na sua farda de «pedreiro-livre», um jovem «veterano», que não acreditará nas idéias que geraram a desordem, mas que saberá ensinar a veneração da História.

Numa das pequenas casas para tal adaptadas — talvez a Casa da Convenção — de flamante insígnia sôbre a risonha porta que um pequeno «tambor de regimento» abrirá, acolhedor, aos turistas curiosos — uma estalagem de bom sabor regional ganhará culinàriamente a simpatia dos visitantes.

E todos comprarão, juntamente com os postais ilustrados da terra e algum doce local de saborosa e inventada tradição, a cópia fac-similada da «Convenção de Évora-Monte», autenticada com a pena e o verídico tinteiro dos «Saramagos»...

T. A.

PANORAMA
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO
REVISTA DE ARTE E TURISMO
PANORAMA
PANORAMA

AS DELICIOSAS CONSERVAS
DE PEIXE PORTUGUESAS
DESPERTAM O APETITE
E ALIMENTAM

I.P.C.P